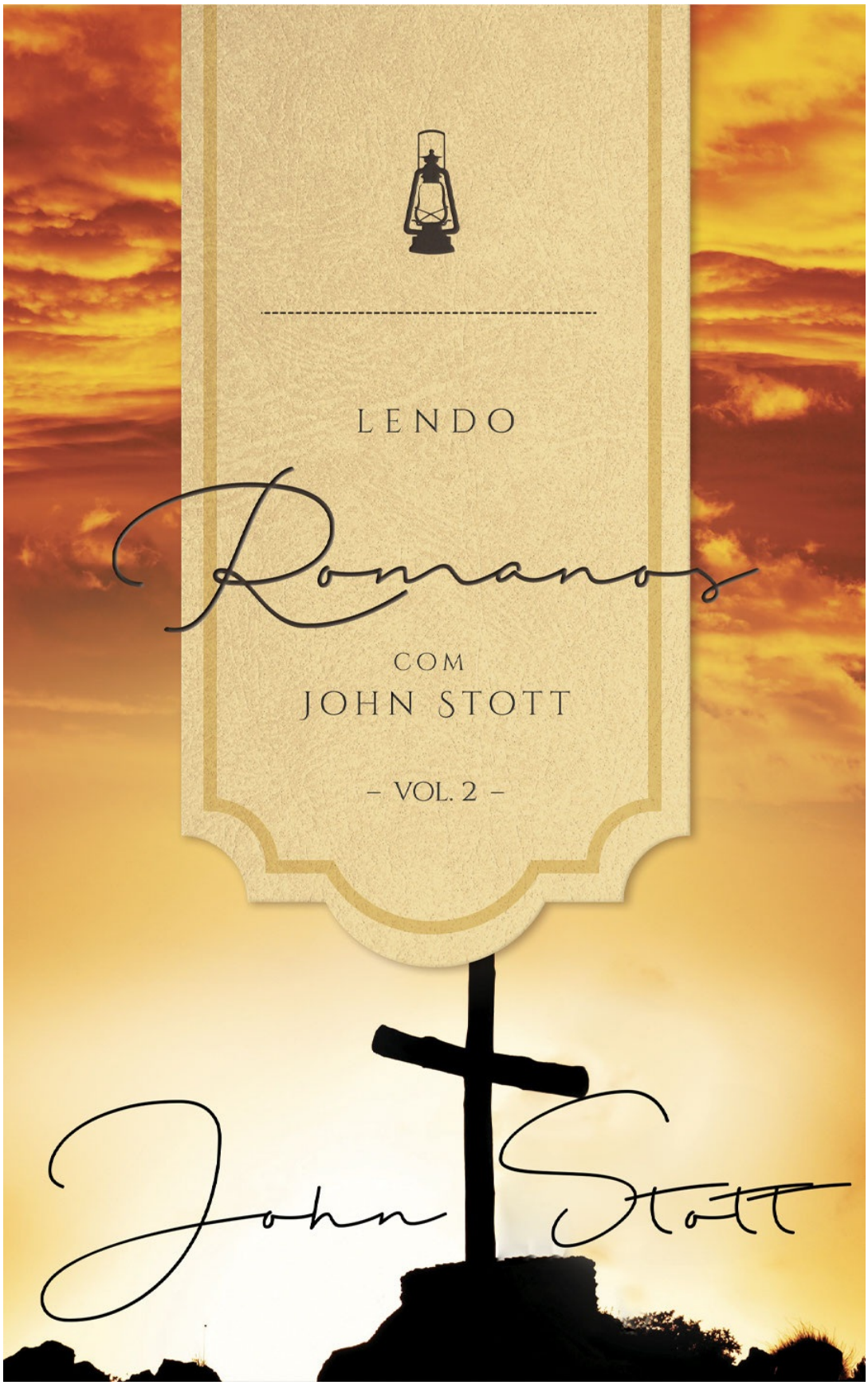
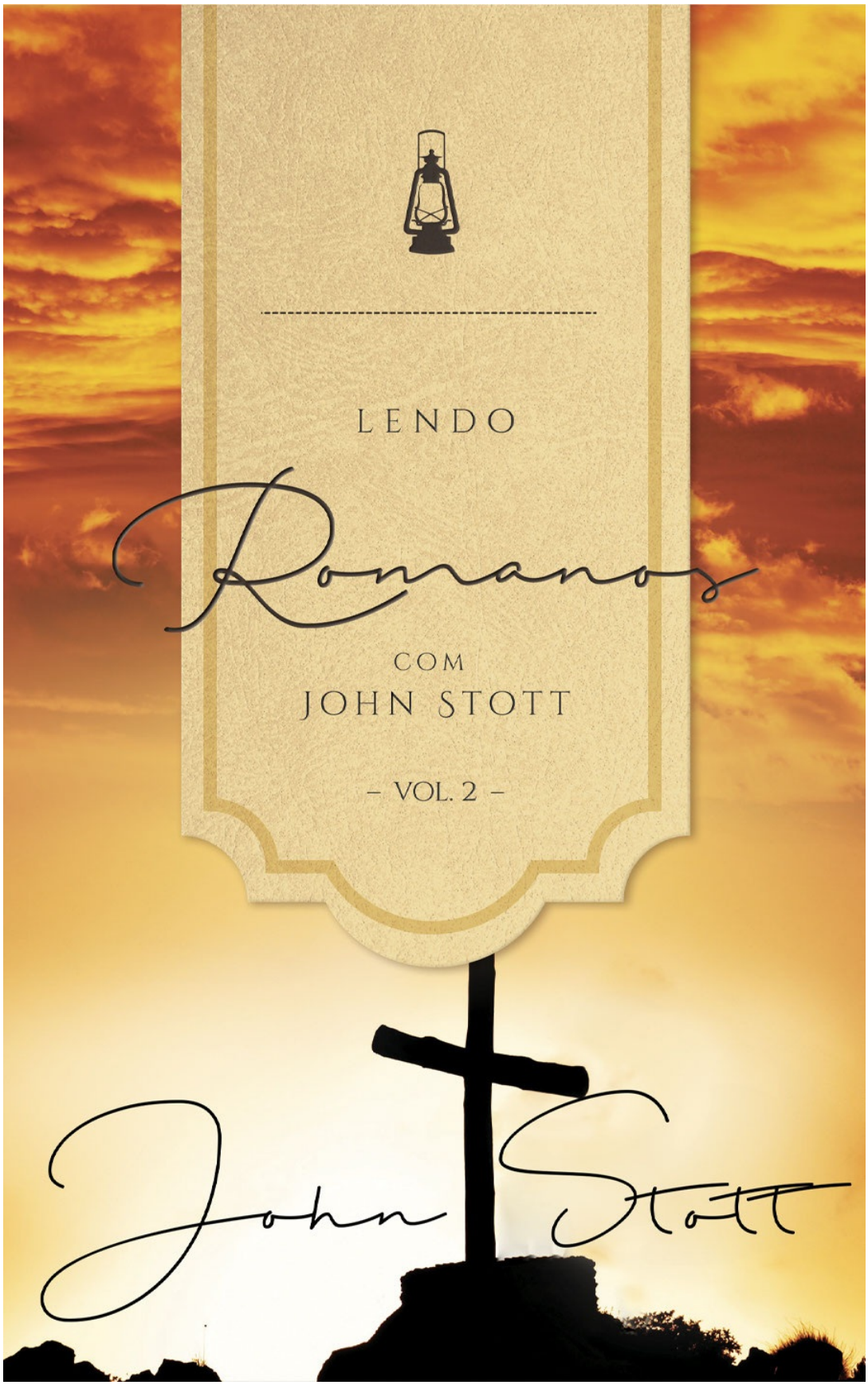

LENDO
Romanos
COM
JOHN STOTT
– VOL. 2 –
John Stott


LENDO
Romanos
COM
JOHN STOTT
– VOL. 2 –
John Stott

LENDO

Romanos

COM
JOHN STOTT

— VOL. 2 —

LENDO A BÍBLIA COM
John Stott

JOHN STOTT
COM DALE & SANDY LARSEN

LENDO Romanos COM JOHN STOTT

— VOL. 2 —

Traduzido por VALÉRIA LAMIM DELGADO FERNANDES



ultimato
VIÇOSA|MG

Sumário

Capa

Folha de rosto

COMO LER A BÍBLIA COM JOHN STOTT

INTRODUÇÃO

1. Romanos 9

ENTENDENDO OS PROPÓSITOS DE DEUS

2. Romanos 10

A DOR DE DEUS

3. Romanos 11

UMA ÁRVORE COM RAÍZES PROFUNDAS

4. Romanos 12

SENDO PRÁTICO

5. Romanos 13

CIDADANIA CONSCIENTE

6. Romanos 14

VIVENDO SEGUNDO AS LEIS DE OUTRA PESSOA

7. Romanos 15

UNIDADE, LIBERDADE E CARIDADE

8. Romanos 16

MANTENDO OS AMIGOS

ORIENTAÇÕES PARA OS LÍDERES

Créditos

COMO LER A BÍBLIA COM JOHN STOTT

DURANTE A VIDA – 1921 A 2011 –, John Stott foi um dos principais professores do mundo em se tratando de Bíblia. Cristãos em todos os continentes ouviram e leram exposições das Escrituras feitas por John Stott, que, ao mesmo tempo, instruíam e inspiravam. Com mais de oito milhões de exemplares de seus mais de cinquenta livros vendidos em dezenas de idiomas, não é de surpreender que a revista Time o tenha reconhecido, em 2005, como uma das “100 Pessoas Mais Influentes do Mundo” e a Christianity Today tenha se referido a ele como “o mais importante professor e pregador do evangelicalismo”. Na essência de seu ministério estavam a Bíblia e sua estimada série “A Bíblia Fala Hoje”, que ele começou enquanto era editor da série do Novo Testamento. Ele mesmo contribuiu com vários volumes para a série, que agora dá origem à série “Lendo a Bíblia com John Stott”.

O objetivo deste livro é oferecer excertos de A Mensagem de Romanos, de Stott, em leituras breves e apropriadas para a aplicação diária. Embora o próprio Stott tenha sido um estudioso proficiente, esta série, na qual cada leitura enfatiza a essência, o significado e a aplicação do texto, evita detalhes técnicos e debates acadêmicos.

Após cada sequência de seis leituras há um guia para discussão. Esse guia pode ser usado de modo individual, ajudando o indivíduo a analisar o texto mais a fundo, mas também pode ser usado em grupos de estudo que se reúnem regularmente. Os participantes dos grupos podem examinar as seis leituras entre as reuniões do grupo e depois usar o guia para discussão com o objetivo de ajudar o grupo a compreender e aplicar a passagem bíblica. As discussões devem durar de 45 a 60 minutos. As orientações para os líderes no final deste livro oferecem muitas sugestões úteis para uma reunião proveitosa.

Se você participa de um grupo, pode ajudar a todos os presentes da seguinte maneira:

Leia e ore durante as leituras antes das reuniões.

Esteja disposto a participar da discussão. O líder não será o palestrante. Em vez disso, todos serão convidados a discutir o que aprenderam.

Atenha-se ao tema que está sendo discutido e se concentre na passagem bíblica em particular. Somente raras vezes você deve recorrer a outras passagens da Bíblia ou outras fontes. Isso permitirá que todos participem em igualdade de condições.

Ouça com atenção o que os outros têm a dizer. Cuidado para não falar muito, e procure incentivar uma discussão equilibrada entre todos os participantes. Você pode se surpreender com o que poderá aprender com os outros. Normalmente as perguntas não têm uma resposta correta, mas têm por objetivo examinar várias dimensões do texto.

Creia que Deus irá ensiná-lo por meio da passagem estudada e por meio daquilo que os outros têm a dizer.

Use as orientações a seguir e leia-as no início da primeira sessão:

Faremos do grupo um lugar seguro, mantendo em segredo o que for dito no

grupo sobre assuntos pessoais.

Daremos tempo para que cada pessoa fale como quiser.

Ouviremos com atenção uns aos outros.

Falaremos sobre nós mesmos e nossa própria situação, evitando conversas sobre os outros.

Teremos cuidado no sentido de dar conselhos uns aos outros.

John Stott causou um grande impacto na igreja na última metade do século 20. Com estes livros o leitor, hoje, pode continuar a se beneficiar com as riquezas da Bíblia que ele expôs a milhões de pessoas.

INTRODUÇÃO

DESDE QUE ME TORNEI CRISTÃO, tenho desfrutado de uma relação de amor e ódio por Romanos por causa de seus desafios pessoais de alegria e dor. Começou logo depois da minha conversão, com meu anseio por experimentar aquela morte para o pecado que Romanos 6 parecia prometer. Brinquei durante muitos anos com a fantasia de que os cristãos deveriam ser tão insensíveis ao pecado quanto um cadáver aos estímulos externos. Minha libertação final dessa ilusão foi selada quando ministrei uma série de palestras sobre Romanos 5–8. Em seguida, a exposição devastadora de Paulo sobre a culpa e o pecado humano universal em Romanos 1.18–3.20 resgatou-me desse evangelho superficial que se preocupa apenas com as "necessidades sentidas" das pessoas. Então, deparei-me com Romanos 12 e sua exigência de nosso compromisso sincero em resposta às misericórdias de Deus, e Romanos 13, cujo ensino sobre o uso da força na aplicação da justiça tornou impossível para mim continuar a ser um total pacifista. Quanto a Romanos 8, mesmo depois de ter declamado seus últimos versículos triunfantes em inúmeros funerais, nunca deixei de me emocionar com eles.

Paulo, apesar de ser um homem de sua idade que se dirigia aos seus contemporâneos, também fala a todas as pessoas de todas as idades. Não me surpreendi ao observar quantos temas contemporâneos Paulo menciona em Romanos: entusiasmo pelo evangelismo em geral e a propriedade do evangelismo judaico em particular; se as relações homossexuais são naturais ou não; se podemos ainda acreditar em conceitos antiquados como ira e propiciação de Deus; a historicidade da queda de Adão e a origem da morte humana; os meios fundamentais para se levar uma vida santa; o lugar da lei e do Espírito no discipulado cristão; a distinção entre certeza e presunção; a relação entre soberania divina e responsabilidade humana na salvação; a tensão entre a identidade étnica e a solidariedade do Corpo de Cristo; as relações entre Igreja e Estado; os respectivos deveres de cada cidadão e do corpo político e como lidar com as diferenças de opinião dentro da comunidade cristã. E essa lista é apenas um exemplo das questões modernas que, direta ou indiretamente, Romanos

levanta e discute.

Paulo provavelmente escreveu a Carta aos Romanos durante os três meses que passou em Corinto, na Grécia (At 20.2). Ele menciona três lugares que pretendia visitar: Jerusalém, Roma e Espanha. Paulo pensava em Roma, situada entre Jerusalém e a Espanha, como um lugar de refrigério depois de ter estado em Jerusalém, e um lugar de preparação a caminho da Espanha. Suas visitas a Jerusalém e à Espanha eram especialmente significativas para ele, porque expressavam os seus dois compromissos permanentes: com o bem-estar de Israel (Jerusalém) e com a missão para com os gentios (Espanha).

Precisamos ainda perguntar por que Paulo deveria escrever à igreja em Roma. Ele escreveu, em parte, para preparar os romanos para a sua visita. Mais do que isso, porque ele nunca havia visitado Roma e, já que não conhecia a maioria dos membros da igreja de lá, sentiu necessidade de estabelecer suas credenciais apostólicas, dando um relato completo de seu evangelho. Quanto à sua própria situação, ele lhes enviou um pedido triplo: que orassem para que o seu serviço em Jerusalém fosse aceitável, que o ajudassem a caminho da Espanha e que o recebessem em Roma como o apóstolo dos gentios.

No entanto, os propósitos de Paulo ao escrever aos romanos remontam não somente à sua própria situação – sua carta também surgiu em decorrência da situação em que os cristãos romanos estavam.

A igreja em Roma era uma comunidade mista composta por judeus e gentios, sendo estes a maioria, e havia um conflito considerável entre os grupos. Tal conflito não era, basicamente, étnico (raças e culturas diferentes), mas teológico (convicções diferentes sobre a posição da aliança de Deus e da lei e, assim, sobre a salvação). É possível ouvir os rumores dessa controvérsia ao longo de Romanos. E Paulo é visto do início ao fim como um autêntico pacificador, ansioso por preservar a verdade e a paz sem sacrificar uma em detrimento da outra. Como um judeu patriótico que havia sido especialmente comissionado

como apóstolo dos gentios, ele estava em posição única para ser um agente de reconciliação. Paulo estava determinado a fazer uma declaração completa e nova do evangelho apostólico, que não comprometeria as verdades reveladas do evangelho e, ao mesmo tempo, resolveria o conflito entre judeus e gentios sobre a aliança e a lei, promovendo, assim, a unidade da igreja.

Em seu ministério de reconciliação, Paulo desenvolve dois temas primordiais e os entrelaça com beleza. O primeiro é a justificação de pecadores culpados somente pela graça de Deus em Cristo, e ninguém mais, somente mediante a fé, independentemente de posição ou obras. Essa é a mais humilhante e niveladora de todas as verdades e experiências cristãs, e o mesmo se aplica à base fundamental da unidade cristã. O segundo tema de Paulo é a consequente redefinição do povo de Deus, já não de acordo com descendência, circuncisão ou cultura, mas, sim, de acordo com a fé em Jesus, de modo que todos os cristãos são os verdadeiros filhos de Abraão, independentemente de sua origem étnica ou prática religiosa.

Ao escrever sobre Romanos, minha primeira responsabilidade foi buscar um novo encontro com o Paulo autêntico. Meu objetivo é permitir que o apóstolo diga o que ele diz e não forçá-lo a dizer o que talvez queiramos que ele diga.

No início de sua exposição de Romanos no século 4º, Crisóstomo falou de como gostava de ouvir a “trombeta espiritual” de Paulo. Minha oração é para que possamos ouvi-la novamente em nossos dias e responder prontamente ao seu chamado.

JOHN STOTT

1 ROMANOS 9

ENTENDENDO OS PROPÓSITOS DE DEUS

UMA AFIRMAÇÃO TRIPLA

ROMANOS 9.1-5

1 Digo a verdade em Cristo, não minto; minha consciência o confirma no Espírito
Santo: 2 tenho grande tristeza e constante angústia em meu coração. 3 Pois eu até
desejaria ser amaldiçoado e separado de Cristo por amor de meus irmãos, os de
minha raça, 4 o povo de Israel. Deles é a adoção de filhos; deles é a glória divina,
as alianças, a concessão da Lei, a adoração no templo e as promessas. 5 Deles são
os patriarcas, e a partir deles se traça a linhagem humana de Cristo, que é Deus
acima de todos, bendito para sempre! Amém.

Os capítulos 9, 10 e 11 começam com uma expressão de profunda preocupação de Paulo com o povo de Israel. Aqui Paulo faz uma forte afirmação tripla com a intenção de colocar sua sinceridade acima de qualquer dúvida e persuadir seus leitores a acreditarem nele.

Primeiro, “digo a verdade em Cristo”. Paulo está ciente de seu relacionamento com Cristo e da presença de Cristo com ele enquanto escreve. Segundo, como contrapartida negativa, “não minto” ou nem mesmo exagero. Terceiro, “minha consciência o confirma no Espírito Santo”. Paulo sabe que a consciência humana é falível e está culturalmente condicionada, mas ele afirma que a sua é iluminada pelo próprio Espírito da verdade.

Qual é essa verdade que Paulo afirma com tanta força? Diz respeito ao seu constante amor por seu povo Israel, que havia rejeitado a Cristo. Ele continua a chamá-lo de “meus irmãos, os de minha raça”. Nossa participação na comunidade cristã não anula nossos laços naturais de família e nacionalidade.

Paulo afirma com ousadia que desejaria, por amor a Israel, ser ele mesmo “amaldiçoado [anátema] e separado de Cristo”. Ele não está literalmente expressando esse desejo, uma vez que já declarou sua convicção de que nada poderia separá-lo do amor de Deus em Cristo (Rm 8.35-39). O apóstolo quer dizer que, se pudesse ser concedido, ele poderia cogitar tal desejo.

A angústia do apóstolo com o Israel incrédulo é ainda mais pungente por causa dos privilégios únicos de Israel. Alguns deles foram mencionados anteriormente. Agora ele faz uma lista mais completa. Alguém poderia imaginar que Israel, privilegiado com todas essas bênçãos, preparado e instruído durante séculos para a chegada de seu Messias, iria reconhecê-lo e recebê-lo quando ele viesse. Como é possível conciliar os privilégios de Israel com seus preconceitos? Como é possível explicar a atitude endurecida de Israel para com o evangelho? Esse é o mistério que Paulo discutirá a seguir.

A PALAVRA DE DEUS NÃO FALHOU

ROMANOS 9.6-13

6 Não pensemos que a palavra de Deus falhou. Pois nem todos os descendentes
de Israel são Israel. 7 Nem por serem descendentes de Abraão passaram todos a
ser filhos de Abraão. Ao contrário: “Por meio de Isaque a sua descendência será
considerada”. 8 Noutras palavras, não são os filhos naturais que são filhos de
Deus, mas os filhos da promessa é que são considerados descendência de

Abraão.[9]Pois foi assim que a promessa foi feita: “No tempo devido virei novamente, e Sara terá um filho”. [10]E esse não foi o único caso; também os filhos de Rebeca tiveram um mesmo pai, nosso pai Isaque. [11]Todavia, antes que os gêmeos nascessem ou fizessem qualquer coisa boa ou má – a fim de que o propósito de Deus conforme a eleição permanecesse, [12]não por obras, mas por aquele que chama – foi dito a ela: “O mais velho servirá ao mais novo”. [13]Como está escrito: “Amei Jacó, mas rejeitei Esaú”.

À primeira vista, parece que a promessa de Deus para Israel falhou. Deus prometeu abençoá-lo, mas Israel perdeu a bênção por causa da incredulidade. No entanto, a falha de Israel foi sua própria falha; não se deu por falha da palavra de Deus. Sempre houve dois grupos em Israel: de um lado, os que descendiam fisicamente de Israel (Jacó) e, do outro, a descendência espiritual dele. A promessa de Deus estava dirigida ao segundo, que a recebeu. O apóstolo já fez essa distinção entre os que eram judeus exteriormente, cuja circuncisão estava no corpo, e os que eram judeus interiormente, que receberam uma circuncisão do coração por meio do Espírito.

Paulo agora se refere a duas situações bem conhecidas do Antigo Testamento a fim de ilustrar e provar seu ponto de vista. A primeira diz respeito à família de Abraão. Assim como nem todos os descendentes de Israel são Israel, nem todos os descendentes de Abraão são “filhos de Abraão”, sua verdadeira descendência. Quem pode ser chamado “descendência de Abraão”? Não são “os filhos naturais”, mas “os filhos da promessa”, que nasceram como consequência da promessa de Deus.

Paulo recorre a Isaque e aos dois filhos dele, Jacó e Esaú, para fazer sua segunda ilustração. Ele mostra que assim como Deus escolheu Isaque, não Ismael, para receber a promessa, ele escolheu Jacó, não Esaú. Nesse caso, estava ainda mais claro que a decisão de Deus não tinha nada a ver com qualquer elegibilidade nos próprios rapazes, pois não havia nada que os distinguisse um do outro. Isaque e Ismael tinham mães diferentes, mas Jacó e Esaú tinham a mesma mãe; na verdade, eram gêmeos. No entanto, “antes que os gêmeos nascessem ou fizessem

qualquer coisa boa ou má”, Deus já havia tomado a decisão e revelado à mãe deles.

Os irmãos rejeitados, Ismael e Esaú, foram circuncidados e, portanto, de certo modo, também fizeram parte da aliança de Deus e receberam a promessa de bênçãos menores. No entanto, as duas histórias ilustram a mesma verdade fundamental do “propósito de Deus conforme a eleição”. A promessa de Deus não falhou, mas se cumpriu somente no Israel dentro de Israel.

Muitos mistérios cercam a doutrina da eleição, mas ela é um fundamento indispensável da adoração cristã, no tempo e na eternidade. O povo remido de Deus passará a eternidade adorando-o, humilhando-se diante dele em grata adoração, atribuindo sua salvação a ele e ao Cordeiro e reconhecendo que somente ele é digno de receber todo louvor, honra e glória. Por quê? Porque nossa salvação se deve totalmente à sua graça, vontade, iniciativa, sabedoria e poder.

A MISERICÓRDIA DE DEUS

ROMANOS 9.14-18

14 E então, que diremos? Acaso Deus é injusto? De maneira nenhuma! 15 Pois ele
diz a Moisés: “Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei
compaixão de quem eu quiser ter compaixão”. 16 Portanto, isso não depende do
desejo ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus. 17 Pois a Escritura
diz ao faraó: “Eu o levantei exatamente com este propósito: mostrar em você o
meu poder, e para que o meu nome seja proclamado em toda a terra”. 18 Portanto,
Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer.

Uma vez que a promessa de Deus não falhou, mas se cumpriu em Abraão, Isaque e Jacó, e na linhagem espiritual deles, o propósito de Deus na eleição não é intrinsecamente injusto? Escolher alguns para salvação e ignorar outros é uma violação da justiça básica? A resposta imediata de Paulo é: “De maneira nenhuma!”.

A maneira que Paulo usa para defender a justiça divina é proclamando a misericórdia de Deus. Parece um completo non sequitur, mas não é. Simplesmente indica que a pergunta em si é mal interpretada, porque o fundamento sobre o qual Deus lida com pecadores para salvá-los não é a justiça, mas a misericórdia. Pois a salvação não depende do “desejo ou do esforço humano”, ou seja, de qualquer coisa que desejamos ou nos esforçamos para ter, “mas da misericórdia de Deus”.

Paulo vê as palavras que Deus diz a Moisés e ao faraó, registradas em Êxodo, como complementares. “Deus tem misericórdia de quem ele quer” (a mensagem para Moisés), “e endurece a quem ele quer” (a mensagem para o faraó). O relato de Êxodo deixa claro que o faraó endureceu o coração para Deus e não quis se humilhar. O endurecimento do coração do faraó, provocado por Deus, foi um ato judicial, abandonando-o à sua própria teimosia.

Portanto, Deus não é injusto. Como demonstrou Paulo nos primeiros capítulos de sua carta, todos os seres humanos são pecadores e culpados aos olhos de Deus, de modo que ninguém merece ser salvo. Se Deus endurece a alguns, ele não está sendo injusto, pois é isso que o pecado deles merece. Se, por outro lado, ele tem compaixão de alguns, não está sendo injusto, porque está lidando com eles com misericórdia.

O que é maravilhoso não está no fato de que alguns são salvos e outros não, mas no fato de que qualquer um é salvo. Pois não merecemos nada da mão de Deus, a não ser o juízo. Se recebemos o que merecemos (juízo), ou se recebemos o que não merecemos (misericórdia), em nenhum dos casos Deus é injusto. Portanto,

se alguém está perdido, a culpa é dele mesmo, mas, se alguém é salvo, o crédito é de Deus. Este paradoxo contém um mistério que nosso conhecimento atual não pode solucionar, mas é consistente com a Escritura, a história e a experiência.

A GRANDE PACIÊNCIA DE DEUS

ROMANOS 9.19-24

19 Mas algum de vocês me dirá: “Então, por que Deus ainda nos culpa? Pois,
quem resiste à sua vontade?” 20 Mas quem é você, ó homem, para questionar a
Deus? “Acaso aquilo que é formado pode dizer ao que o formou: ‘Por que me
fizeste assim?’” 21 O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso
para fins nobres e outro para uso desonroso? 22 E se Deus, querendo mostrar a sua
ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência os vasos de
sua ira, preparados para a destruição? 23 Que dizer, se ele fez isto para tornar
conhecidas as riquezas de sua glória aos vasos de sua misericórdia, que preparou
de antemão para glória, 24 ou seja, a nós, a quem também chamou, não apenas
dentre os judeus, mas também dentre os gentios?

Paulo responde às duas perguntas de quem o critica rebatendo com três perguntas que dizem respeito à nossa identidade. Eles perguntam se sabemos quem somos, que tipo de relacionamento pensamos que existe entre nós e Deus e que atitude para com ele consideramos apropriada para esse relacionamento. As três perguntas enfatizam o grande abismo entre os seres humanos e Deus. Nós realmente acreditamos que convém ao ser humano “questionar a Deus”; à arte, perguntar ao artista por que foi feita daquela forma ou a um vaso, desafiar o direito do oleiro de fazer do mesmo barro um vaso para fins diferentes.

Paulo não deseja reprimir perguntas genuínas. Afinal, ele está fazendo perguntas e respondendo a elas ao longo de toda a carta. Pelo contrário, ele censura aquele

que contenda com Deus. Tal indivíduo manifesta um espírito repreensível de rebelião, recusando-se a permitir que Deus seja Deus e recusando-se a reconhecer sua verdadeira condição de criatura e pecador.

Mas os seres humanos não são simplesmente pedaços de barro inerte, e esta passagem ilustra bem o perigo de argumentar a partir de uma analogia. Comparar seres humanos a vasos é enfatizar a disparidade entre nós e Deus. Mas há outra vertente no ensino bíblico que afirma, não nossa desigualdade, mas nossa semelhança a Deus, porque fomos criados à sua imagem e porque ainda a carregamos – embora distorcida – desde a queda. Como portadores da imagem de Deus, somos seres racionais, responsáveis, morais e espirituais, capazes de conversar com Deus e encorajados a examinar sua revelação, fazer perguntas e pensar seus pensamentos depois dele.

A ênfase de Paulo aqui é que, assim como o oleiro tem o direito de fazer do barro vasos para fins diferentes, Deus tem o mesmo direito de lidar com a humanidade caída de acordo com sua ira e sua misericórdia. O apóstolo demonstra que a liberdade de Deus de mostrar misericórdia a alguns e endurecer para outros é totalmente compatível com a justiça de Deus. Devemos permitir que Deus seja Deus, não apenas renunciando a todo desejo presunçoso de desafiá-lo, mas também assumindo que suas ações estão sempre em harmonia com sua natureza.

A revelação da ira de Deus aos objetos de sua ira se faz com vista para a revelação de sua glória aos objetos de sua misericórdia. A revelação preeminente será das riquezas da glória de Deus, e a glória de sua graça brilhará de modo ainda mais intenso contra o fundo sombrio de sua ira. A “glória” é, sem dúvida, a chave para o destino final dos remidos, na qual o esplendor de Deus será revelado a eles e neles, uma vez que eles, em primeiro lugar, e depois o universo forem transformados.

Assim, as duas ações de Deus, que se resumem em mostrar misericórdia e

endurecimento, agora remontam ao seu caráter. Ele faz o que faz por ser quem é. Embora isso não solucione o grande mistério do motivo pelo qual ele prepara algumas pessoas de antemão para a glória e permite que outras se preparem para a destruição, ambas são revelações de Deus, de sua paciência e ira no juízo e, sobretudo, de sua glória e misericórdia na salvação.

INCLUSÃO E REDUÇÃO

ROMANOS 9.25-29

25 Como ele diz em Oseias: “Chamarei ‘meu povo’ a quem não é meu povo; e
chamarei ‘minha amada’ a quem não é minha amada”, 26 e: “Acontecerá que, no
mesmo lugar em que se lhes declarou: ‘Vocês não são meu povo’, eles serão
chamados ‘filhos do Deus vivo’”. 27 Isaías exclama com relação a Israel:
“Embora o número dos israelitas seja como a areia do mar, apenas o
remanescente será salvo. 28 Pois o Senhor executará na terra a sua sentença,
rápida e definitivamente”. 29 Como anteriormente disse Isaías: “Se o Senhor dos
Exércitos não nos tivesse deixado descendentes, já estaríamos como Sodoma, e
semelhantes a Gomorra”.

Paulo está respondendo à pergunta: “Por que Deus ainda nos culpa?”. Ele dá outra explicação: a de que Deus prenunciou essas coisas nas Escrituras.

Paulo cita dois textos de Oseias para explicar a maravilhosa inclusão dos gentios por parte de Deus. Em seguida, cita dois textos de Isaías para explicar a redução igualmente maravilhosa de Deus em relação à inclusão de judeus em um remanescente. Para compreendermos como Paulo lida com esses textos, precisamos lembrar que, de acordo com o Novo Testamento, as profecias do Antigo Testamento muitas vezes têm um cumprimento triplo. O primeiro é imediato e literal (na história de Israel); o segundo é intermediário e espiritual (em Cristo e sua igreja) e o terceiro é definitivo e eterno (no reino consumado de

Deus).

A profecia de Oseias assume a forma da promessa de Deus na misericórdia para superar uma situação aparentemente irremediável, para amar novamente aqueles a quem ele declarou que não eram amados e para acolher mais uma vez como seu povo aqueles a quem ele havia dito não ser seu povo. A aplicação imediata e literal era para Israel no século 8º antes de Cristo, repudiado e julgado pelo Senhor por apostasia, mas prometia reconciliação e restauração. Entretanto, a promessa de Deus para os filhos de Oseias tem um cumprimento futuro e evangélico na inclusão dos gentios. A inclusão deles é uma inversão maravilhosa de destinos pela misericórdia de Deus.

Paulo passa de Oseias para Isaías, da inclusão dos gentios para a exclusão dos judeus, com exceção de um remanescente. O contexto histórico para os dois textos de Isaías é, mais uma vez, o de apostasia nacional no século 8º antes de Cristo. Deus prometeu que a nação triunfante da Assíria seria punida por arrogância e que um remanescente de indivíduos que criam nele voltaria para o Senhor.

O significado de ambos os textos está no contraste que fazem entre a maioria e a minoria. Por um lado, Deus nos chamou, não somente dos judeus, mas também dos gentios. Assim, há uma solidariedade fundamental entre judeus e gentios na nova sociedade de Deus. Por outro, há um sério desequilíbrio entre o tamanho da participação de gentios e o tamanho da participação de judeus na comunidade remida. Como profetizou Oseias, uma multidão de gentios, antes privados de direitos, agora era acolhida como o povo de Deus. Como profetizou Isaías, no entanto, a participação de judeus era apenas um remanescente da nação, muito pequeno, na verdade, para constituir não a inclusão de Israel, mas sua exclusão; não sua aceitação, mas sua rejeição.

E assim os de fora foram recebidos na comunidade, os estrangeiros se tornaram cidadãos, e os estranhos agora são membros amados da família.

A PEDRA DE TROPEÇO

ROMANOS 9.30-33

30 Que diremos, então? Os gentios, que não buscavam justiça, a obtiveram, uma
justiça que vem da fé; 31 mas Israel, que buscava uma lei que trouxesse justiça,
não a alcançou. 32 Por que não? Porque não a buscava pela fé, mas como se fosse
por obras. Eles tropeçaram na "pedra de tropeço". 33 Como está escrito: "Eis que
ponho em Sião uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair; e aquele que nela
confia jamais será envergonhado".

A situação que Paulo descreve é completamente confusa. Descrever pagãos como pessoas que "não buscavam justiça" é um grande eufemismo. Na maioria, eles são ímpios e egocêntricos, seguem seu próprio caminho, amam a si mesmos, ao dinheiro e ao prazer, em vez de amarem a Deus e à bondade. No entanto, obtiveram o que buscavam. Na verdade, quando ouviram o evangelho da justificação pela fé, o Espírito Santo operou neles de maneira tão poderosa que "tomaram posse dele" de modo quase violento, pela fé.

Por outro lado, a busca de justiça por parte de Israel foi quase proverbial. Os israelitas estavam imbuídos de um zelo religioso e moral que alguns chamariam de fanatismo. Mas eles não alcançaram a justiça, porque estavam buscando um objetivo impossível. Paulo opõe-se à "justiça" dos gentios, que é pela fé, o que ele chama de "uma lei que [traz] justiça", isto é, a Torá vista como uma lei a ser obedecida.

Com respeito aos judeus que não alcançaram a justiça, Paulo atribui o fracasso de Israel à própria loucura de Israel: "Porque não a buscava pela fé [que é como os gentios se apossaram dela], mas como se fosse por obras", isto é, como se o

acúmulo de obras de justiça fosse o método de salvação usado por Deus. Assim, eles tropeçaram na pedra de tropeço. Não há dúvida quanto ao que Paulo quer dizer com isso, uma vez que ele usa a mesma imagem em outra passagem. É a proclamação do Cristo crucificado.

Por que as pessoas tropeçam na cruz? Porque ela enfraquece nosso falso moralismo. Se pudéssemos ganhar uma posição justa diante de Deus por meio de nossa própria obediência à sua lei, a cruz seria supérflua. Se pudéssemos salvar a nós mesmos, por que Cristo teria se dado ao trabalho de morrer? O fato de que Cristo morreu por nossos pecados é uma prova positiva de que não podemos salvar a nós mesmos. Contudo, fazer essa humilhante confissão é uma ofensa insuportável para nosso orgulho. Então, em vez de nos humilharmos, tropeçamos na pedra de tropeço.

Todos temos de decidir como vamos nos relacionar com essa rocha que Deus estabeleceu. Existem apenas duas possibilidades. Uma delas é tentar subir nela e, assim, tropeçar e cair. A outra é colocar nossa confiança nela, tê-la como o fundamento de nossa vida e edificar sobre ela.

GUIA PARA DISCUSSÃO

-

ROMANOS 9

PARA RESPONDER

Suponha que um amigo lhe diga: “Eu acho que o seu cristianismo é exclusivo demais. As pessoas fazem todos os tipos de jornada espiritual, e eu acho que

Deus aceita a todos”. Como você responderia?

PARA ESTUDAR

Leia Romanos 9.

Que expressões aqui mostram a intensidade da preocupação de Paulo com os judeus (v. 1-3)?

Que privilégios Deus já havia concedido aos judeus (v. 4-5)?

Quatro questões descrevem este capítulo (veja v. 6 [uma declaração], 14, 19 e 30). Como você formularia cada questão?

Quando e por que você fez uma pergunta semelhante a alguma dessas?

Concentre-se nos versículos 6-13. Ser descendente de Abraão garante um lugar na família de Deus? Por quê?

Como os exemplos de Moisés, do faraó e de um oleiro ajudam a responder à pergunta sobre a justiça de Deus?

Que exemplos você vê da ira e da misericórdia de Deus nos versículos 22-24?

Como os profetas Oseias e Isaías prepararam os judeus para a possibilidade de que pertencer à família de Deus não era simplesmente uma questão de herança biológica (v. 25-29)?

Concentre-se nos versículos 30-33. Que relações você vê aqui entre fé, obras, judeus e gentios?

O que você aprende sobre Jesus Cristo no versículo 33?

Como você vê Cristo em uma das maneiras descritas aqui?

PARA APLICAR

Este capítulo fala várias vezes da misericórdia de Deus. Quando e como você viu a misericórdia de Deus em ação?

Paulo fala de pessoas que não entraram na família de Deus porque, em vez de confiarem na “rocha”, tropeçaram nela (v. 32-33). Quem entre seus amigos e familiares parece ter cometido esse mesmo erro?

Imagine uma dessas pessoas que ainda não creem. Tente ver o cristianismo do ponto de vista dessa pessoa. Como você acha que ela vê a fé cristã?

2 ROMANOS 10

A DOR DE DEUS

ZELO SEM CONHECIMENTO

ROMANOS 10.1-4

1 Irmãos, o desejo do meu coração e a minha oração a Deus pelos israelitas é que
eles sejam salvos. 2 Posso testemunhar que eles têm zelo por Deus, mas o seu
zelo não se baseia no conhecimento. 3 Porquanto, ignorando a justiça que vem de
Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se submeteram à justiça de
Deus. 4 Porque o fim da Lei é Cristo, para a justificação de todo o que crê.

Paulo não tem dúvidas quanto à sinceridade religiosa dos israelitas. Ele sabe, por experiência própria, que "eles têm zelo por Deus". Em sua própria vida antes da conversão, ele era obcecado por sua religião, a ponto de perseguir cristãos. Então ele sabe do que está falando quando diz que o zelo dos israelitas "não se baseia no conhecimento". Sinceridade não é suficiente, pois podemos estar sinceramente equivocados. Zelo sem conhecimento, compromisso sem reflexão ou entusiasmo sem entendimento equivalem a fanatismo, um estado horrível e perigoso.

A afirmação de Paulo de que os judeus "[ignoram] a justiça que vem de Deus" significa que eles ainda não descobriram o caminho da salvação, o modo como o Deus justo justifica os injustos, concedendo-lhes uma posição justa. Essa é "a justiça que vem de Deus", revelada no evangelho e recebida totalmente pela fé à

parte da lei, como escreveu antes Paulo. A consequência trágica da ignorância dos judeus foi que, ao reconhecerem sua necessidade de justiça – se quisessem se colocar na presença justa de Deus –, eles “[procuraram] estabelecer a sua própria” e “não se submeteram à justiça de Deus”.

Essa ignorância do verdadeiro caminho, e essa trágica adoção do falso caminho, não se limitam de modo algum aos judeus. Elas se espalham entre pessoas religiosas de todos os credos, incluindo cristãos professos. Todos os seres humanos, que sabem que Deus é justo e eles não são, naturalmente procuram à sua volta por uma justiça que possa qualificá-los para estar na presença de Deus. Existem apenas duas opções possíveis. A primeira é tentar estabelecer nossa própria justiça por meio de nossas boas obras e práticas religiosas. Mas esse esforço está fadado ao fracasso. A outra opção é submeter-se à justiça de Deus, recebendo-a dele como um dom gratuito mediante a fé em Jesus Cristo.

Cristo é o “fim” da lei. A razão pela qual Cristo pôs fim à lei é “a justificação de todo o que crê”. Em relação à salvação, Cristo e a lei são alternativas incompatíveis. Se a justiça é pela lei, não é por Cristo, e, se é por Cristo mediante a fé, não é pela lei. Cristo e a lei são realidades objetivas, revelações e dons de Deus. Mas agora que Cristo realizou nossa salvação por meio de sua morte e ressurreição, ele pôs fim à lei nessa função. O desejo e a oração de Paulo são que seus irmãos judeus aceitem esta verdade do evangelho.

COM CORAÇÃO E BOCA

ROMANOS 10.5-10

5 Moisés descreve desta forma a justiça que vem da Lei: “O homem que fizer
estas coisas viverá por meio delas”. 6 Mas a justiça que vem da fé diz: “Não diga
em seu coração: ‘Quem subirá aos céus?’ (isto é, para fazer Cristo descer) 7 ou
‘Quem descerá ao abismo?’” (isto é, para fazer Cristo subir dentre os mortos).

[8]Mas o que ela diz? “A palavra está perto de você; está em sua boca e em seu
coração”, isto é, a palavra da fé que estamos proclamando: [9]Se você confessar
com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou
dentre os mortos, será salvo. [10]Pois com o coração se crê para justiça, e com a
boca se confessa para salvação.

Paulo já declarou três antíteses – entre fé e obras; entre a justiça de Deus, a qual devemos nos submeter, e nossa própria justiça, que, por engano, buscamos estabelecer; e entre Cristo e a lei. Agora ele desenvolve as implicações ao contrastar “a justiça que vem da Lei” com “a justiça que vem da fé”. Ele faz isso apelando à Escritura, citando Moisés em Levítico e Deuteronômio.

Por um lado, “Moisés descreve desta forma a justiça que vem da Lei: ‘O homem que fizer estas coisas viverá por meio delas’”. A interpretação natural destas palavras é que o caminho para a vida – ou seja, a salvação – se dá pela obediência à lei. Mas ninguém conseguiu obedecer a ela. A fraqueza da lei é nossa própria fraqueza. Uma vez que desobedecemos à lei, ela, em vez de nos trazer vida, coloca-nos debaixo de sua maldição, e essa ainda seria nossa posição se Cristo não tivesse nos remido da maldição da lei ao se tornar uma maldição para nós.

Por outro lado, “a justiça que vem da fé” proclama uma mensagem diferente. Ela nos propõe como forma de salvação não a lei, mas Cristo, e nos assegura que, ao contrário da lei, Cristo não é inatingível, mas facilmente acessível. Não há necessidade de subirmos às alturas nem mergulharmos nas profundezas em busca de Cristo, pois ele já veio, morreu e ressuscitou, e assim temos acesso a ele. Aproveitando a sugestão da referência à “boca” e “coração” do povo que já foi citado, Paulo agora resume o evangelho: “Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor [o mais antigo e mais simples de todos os credos cristãos] e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo”. Coração e boca, crer interiormente e confessar externamente, andam juntos.

Não há uma diferença sólida entre ser justificado e ser salvo. O conteúdo da fé e o da confissão precisam se mesclar. Implícitas na boa notícia estão as verdades de que Jesus Cristo morreu, ressuscitou, foi exaltado e agora reina como Senhor e concede salvação aos que creem. Não se trata de salvação por meio de um slogan, mas por meio da fé, ou seja, por meio de uma fé inteligente que toma posse de Cristo como o Senhor e Salvador crucificado e ressurreto.

TODO O QUE...

ROMANOS 10.11-13

[11]Como diz a Escritura: “Todo o que nele confia jamais será envergonhado”.
[12]Não há diferença entre judeus e gentios, pois o mesmo Senhor é Senhor de
todos e abençoa ricamente todos os que o invocam, [13]porque “todo aquele que
invocar o nome do Senhor será salvo”.

Cristo veio, morreu e ressuscitou, e, portanto, temos acesso imediato a ele mediante a fé. Não precisamos fazer nada. Tudo o que é necessário já foi feito. Além disso, uma vez que o próprio Cristo está próximo, seu evangelho também está próximo. Está no coração e na boca de todo cristão.

A ênfase de Paulo está no acesso próximo, pronto e fácil a Cristo e ao evangelho de Cristo. Ele enfatiza que não só temos acesso fácil a Cristo, mas todos, “todo o que [nele confia]” e “todo aquele que [invocar]” têm igualmente acesso a ele, uma vez que “não há diferença”, não há favoritismo.

Os três versículos aqui se referem a Cristo e afirmam sua disponibilidade mediante a fé, embora cada um descreva em termos diferentes a natureza da fé e como Cristo responde aos cristãos.

Primeiro, Paulo cita Isaías: “Todo o que nele confia jamais será envergonhado”. Esta é uma segunda citação de Isaías 28.16, tendo sido a primeira em Romanos 9.33. Crer e confessar não é simplesmente estar de acordo com um credo; é uma questão de confiar em Cristo.

Segundo, há uma maravilhosa afirmação de que, por meio de Cristo, não há distinção entre judeus e gentios, pois “o mesmo Senhor é Senhor de todos e abençoa ricamente todos os que o invocam”. Nem todas as distinções entre aqueles que foram justificados pela fé e estão agora em Cristo – distinções não somente de raça, mas também de gênero e cultura – são abolidas (pois judeus ainda são judeus; gentios, ainda gentios; homens, ainda homens e mulheres, ainda mulheres), mas todas se tornam irrelevantes.

Terceiro, Paulo elabora nossa invocação do Senhor e a bênção que Deus nos dá. A expressão “o invocam” é, mais precisamente, invocar “o nome do Senhor”, isto é, apelar para que ele nos salve de acordo com a pessoa que ele é e com o que ele tem feito. É-nos garantido que “todo aquele que”, portanto, o invoca, “será salvo”. Pedro usou essa citação de Joel 2.32 no dia de Pentecostes, transferindo o texto de Deus para Jesus, o que também é o que Paulo faz aqui.

Então o que é necessário para se receber a salvação? Primeiro, o fato do Jesus Cristo histórico, encarnado, crucificado, ressur-reto, reinando como Senhor e acessível. Segundo, o evangelho apostólico, que o torna conhecido. Terceiro, a simples confiança por parte dos ouvintes, invocando o nome do Senhor, combi-nando fé no coração e confissão com a boca.

A SUA VOZ RESSOOU

ROMANOS 10.14-15

[14]Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? [15]E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: “Como são belos os pés dos que anunciam boas novas!”

Para demonstrar a indispensável necessidade do evangelismo, Paulo faz quatro perguntas consecutivas.

Primeira, para serem salvos, os pecadores devem invocar o nome do Senhor. Mas “como, pois, invocarão aquele em quem não creram?”. Invocar o nome do Senhor pressupõe que eles conhecem o nome dele e creem nele. Essa é a única passagem nas cartas de Paulo em que ele usa o termo creram, embora seja a expressão comum para a fé salvífica nos textos de João. Aqui, uma vez que a fé salvífica é apresentada como “invocar” o nome de Cristo, o tipo de convicção que Paulo tem em mente deve ser o estágio anterior de crer nos fatos acerca de Jesus que estão incluídos em seu “nome”.

Segunda, “como crerão naquele de quem não ouviram falar?”. Assim como crer, pela lógica, vem antes de invocar, então ouvir, pela lógica, vem antes de crer. Em outras palavras, as pessoas não crerão em Cristo se não o ouvirem falar por meio dos mensageiros ou embaixadores dele.

Terceira, “como ouvirão, se não houver quem pregue?”. Nos tempos antigos, antes do desenvolvimento dos meios de comunicação em massa, o principal meio para transmitir as notícias eram as proclamações públicas do arauto na praça ou no mercado da cidade. Não poderia haver ouvintes sem arautos.

Quarta, “como pregarão, se não forem enviados?”. Não está claro que tipo de

envio Paulo tem em mente. Paulo e seus companheiros apóstolos foram diretamente comissionados por Cristo. Havia também apóstolos das igrejas, enviados como missionários. Em ambos os casos, a necessidade de arautos é agora confirmada pela Escritura: “Como está escrito: ‘Como são belos os pés dos que anunciam boas novas!’”.

A essência do argumento de Paulo é vista se colocarmos os seis verbos que ele usa na ordem inversa: Cristo envia arautos, arautos pregam, pessoas ouvem, os que ouvem creem, os que creem invocam e os que invocam são salvos. Vê-se de modo mais convincente a lógica implacável da defesa do evangelismo por Paulo quando os estágios são declarados de forma negativa e cada um é visto como sendo essencial para o próximo. A menos que algumas pessoas sejam comissionadas para a tarefa, não haverá pregadores do evangelho; a menos que o evangelho seja pregado, os pecadores não ouvirão a mensagem e a voz de Cristo; a menos que o ouçam, eles não crerão nessas verdades da morte e ressurreição de Cristo; a menos que creiam nessas verdades, não o invocarão; e, a menos que invoquem seu nome, não serão salvos.

QUEM CREU?

ROMANOS 10.16-19

16No entanto, nem todos os israelitas aceitaram as boas novas. Pois Isaías diz:
“Senhor, quem creu em nossa mensagem?” 17Consequen-temente, a fé vem por
se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo.
18Mas eu pergunto: Eles não a ouviram? Claro que sim: “A sua voz ressoou por
toda a terra, e as suas palavras, até os confins do mundo”. 19Novamente
pergunto: Será que Israel não entendeu? Em primeiro lugar, Moisés disse: “Farei
que tenham ciúmes de quem não é meu povo; eu os provocarei à ira por meio de
um povo sem entendimento”.

A pregação leva a ouvir, e ouvir leva a crer. Por que, então, os israelitas não creram? Em resposta a essa pergunta desconcertante, Paulo discute e rejeita duas possíveis explicações. Mais adiante ele dará sua própria explicação.

Primeiro, “eles não a ouviram?”. Esta é a primeira pergunta certa a se fazer, uma vez que crer depende de ouvir. Mas, no mesmo momento em que faz a pergunta, Paulo a ignora sucintamente: “Claro que sim”. Como evidência desta afirmação, ele cita o Salmo 19.4. Sua escolha da citação bíblica é surpreendente, visto que o Salmo 19 não celebra a propagação do evangelho pelo mundo, mas o testemunho universal dos céus acerca de seu Criador. Paulo, sem dúvida, sabia disso. Parece perfeitamente razoável sugerir que ele estava transferindo uma eloquente linguagem bíblica sobre o testemunho universal da criação para a igreja, usando o primeiro como símbolo da segunda. Se Deus quer que a revelação geral de sua glória seja universal, quanto mais irá querer que a revelação especial de sua graça seja universal também! Assim, os judeus ouviram; eles não podem achar que não creem porque não ouviram.

Segundo, então, “será que Israel não entendeu?”. Entendemos que Paulo está dizendo que é bem possível ouvir sem entender, como nos advertiu Jesus em sua parábola do semeador. Mas Paulo também rejeita esta explicação de incredulidade dos judeus e sustenta sua posição citando, primeiro, Moisés. Há indivíduos “sem entendimento”. Mas eles não são os judeus; são os gentios, a quem Moisés também descreve como “não [sendo] meu povo”. Deus revela sua intenção de fazer Israel ter ciúmes e de provocá-lo à ira por meio de um “povo sem entendimento”, os gentios, por causa das bênçãos que ele lhes daria.

DEUS ESTENDE AS MÃOS

ROMANOS 10.20-21

[20]E Isaías diz ousadamente: “Fui achado por aqueles que não me procuravam;

revelei-me àqueles que não perguntavam por mim”. [21]Mas a respeito de Israel, ele diz: “O tempo todo estendi as mãos a um povo desobediente e rebelde”.

Se, então, a rejeição de Israel ao evangelho não pode ser atribuída ao fato de que os israelitas não o ouviram nem o entenderam, Israel provavelmente não tem desculpa. Esta é a terceira explicação possível para sua incredulidade, a qual Paulo agora aceita. Israel é simplesmente obstinado. É verdade que os israelitas ignoravam a justiça de Deus, mas isso agora é visto como ignorância intencional. Eles tropeçaram na “pedra de tropeço”, ou seja, Cristo.

Para reforçar essa ideia, Paulo agora cita Isaías. As palavras ousadas do profeta provam vir dos lábios do próprio Deus. Ele faz um nítido contraste entre os gentios e os judeus, suas ações para com eles e as atitudes deles para com ele.

Deus, deliberadamente, inverte os papéis entre si mesmo e os gentios. Normalmente seria para que eles pedissem, buscassem e batessem – como diz Jesus mais tarde – e adotassem para com ele a atitude respeitosa de um servo à disposição de seu senhor, dizendo: “Eis-me aqui”. Em vez disso, embora não tenham pedido, buscado ou se oferecido a serviço de Deus, ele se permitiu ser achado por eles, revelou-se para eles e até se ofereceu a eles, dizendo-lhes humildemente: “Eis-me aqui”. Esta é uma bela imagem da graça: Deus tomando a iniciativa de se dar a conhecer.

A iniciativa de Deus para com Israel é ainda mais evidente. Ele não simplesmente se permite ser achado; ele, efetivamente, estende-lhes as mãos. Como um pai convidando um filho a ir para casa, oferecendo um abraço e um beijo, e prometendo acolhida, assim Deus abriu e estendeu os braços para seu povo. Ele manteve os braços continuamente estendidos, o dia todo, implorando que Israel voltasse. Mas não teve resposta. Os israelitas nem lhe deram a resposta neutra dos gentios, que não quiseram pedir ou buscar. Não, a resposta deles é negativa, resistente, rebelde, desdenhosa. Estão determinados a continuar a ser um povo desobediente e obstinado. Sentimos o desalento de Deus, sua dor.

Então Paulo conclui sua segunda análise da incredulidade de Israel. No capítulo 9, ele a atribuiu ao propósito de eleição de Deus, ao qual se deve o fato de muitos terem sido ignorados e somente um remanescente ser deixado, um Israel dentro de Israel. No capítulo 10, entretanto, ele a atribui à própria desobediência de Israel. A queda de Israel é culpa de Israel. O paradoxo entre a soberania divina e a responsabilidade humana permanece.

GUIA PARA DISCUSSÃO

ROMANOS 10

PARA RESPONDER

Quando você viu a tristeza de um relacionamento rompido?

PARA ESTUDAR

Leia Romanos 10.

Concentre-se nos versículos 1-4. Descreva a atitude de Paulo para com os judeus.

Quais eram os pontos fortes e quais eram os pontos fracos da religião dos judeus?

Paulo cita os ensinamentos de Moisés sobre a lei, mas aplica esses ensinamentos a Jesus (v. 5-8). O que há de interessante na “justiça que vem da fé”?

Os versículos 9-13 contêm um antigo credo da fé cristã. De acordo com esses versículos, o que define um cristão?

Que palavras e expressões nos versículos 11-13 expressam o convite oferecido por Deus?

Como a mensagem de Romanos 10 pode influenciar seus relacionamentos com outros cristãos?

Como a mensagem de Romanos 10 poderia influenciar seus relacionamentos com aqueles que ainda não alcançaram a fé salvífica?

Note as quatro perguntas dos versículos 14-15 e a explicação nos versículos 16-19. De acordo com esses versículos, quais são os passos comuns para se tornar um cristão?

Paulo cita Isaías no versículo 15. Qual é o significado da citação neste contexto?

Nos versículos 19-21 Paulo novamente cita Moisés e Isaías. O que esses versículos mostram sobre as ações de Deus para com as pessoas – e a resposta delas para ele?

O que esses versículos revelam sobre o relacionamento de Deus com os judeus?

PARA APLICAR

O versículo 9 diz que os cristãos confessam: “Jesus é Senhor”. Faça um exame mental do que você disse e fez na semana passada.

Em que sentidos você confessou que Jesus é seu Senhor?

Os versículos 14-15 falam da importância de compartilhar as boas novas de Jesus com aqueles que ainda não creem. O que você pode fazer para participar dessa missão?

3 ROMANOS 11

UMA ÁRVORE COM RAÍZES PROFUNDAS

UM REMANESCENTE

ROMANOS 11.1-6

1 Pergunto, pois: Acaso Deus rejeitou o seu povo? De maneira nenhuma! Eu
mesmo sou israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim. 2 Deus não
rejeitou o seu povo, o qual de antemão conheceu. Ou vocês não sabem como
Elias clamou a Deus contra Israel, conforme diz a Escritura? 3 "Senhor, mataram
os teus profetas e derrubaram os teus altares; sou o único que sobrou, e agora
estão procurando matar-me." 4 E qual foi a resposta divina? "Reservei para mim
sete mil homens que não dobraram os joelhos diante de Baal." 5 Assim, hoje
também há um remanescente escolhido pela graça. 6 E, se é pela graça, já não é
mais pelas obras; se fosse, a graça já não seria graça.

Era de esperar que, uma vez que Israel rejeitou a Deus, Deus o rejeitasse. Mas Israel não é a nação abandonada que parece ser. Sua rejeição é apenas parcial; Israel ainda é um remanescente que crê. Paulo apresenta quatro evidências para respaldar sua declaração de que Deus não rejeitou seu povo.

A primeira evidência é pessoal. O próprio Paulo como judeu é prova de que Deus não havia rejeitado seu povo, nem mesmo a ele, o blasfemador e perseguidor de cristãos. Embora ele tenha se voltado contra Deus, Deus não o rejeitou.

A segunda evidência é teológica. O apóstolo antecipou-a enquanto formulava sua pergunta: se Deus havia rejeitado “o seu povo”, isto é, o povo especial que ele havia escolhido, o povo de sua aliança, a qual declarou inquebrável. Ao responder à sua pergunta, ele enfatiza isso, descrevendo o povo como “o seu povo, o qual de antemão conheceu”. Presciência e rejeição são mutuamente incompatíveis.

Terceiro, Paulo apresenta a evidência bíblica da situação no tempo de Elias. Após sua vitória contra os profetas de Baal no monte Carmelo, o profeta, fugindo da rainha Jezabel, foi para o deserto e depois se refugiou em uma caverna no monte Horebe. Deus disse a Elias que ele não era, de modo algum, o único sobrevivente fiel. Embora a doutrina do remanescente só tenha sido desenvolvida no tempo de Isaías, o remanescente fiel já existia durante o ministério profético de Elias, pelo menos um século antes.

A quarta evidência de Paulo de que Deus não havia rejeitado totalmente seu povo era contemporânea. Assim como nos dias de Elias havia um remanescente de sete mil, “assim, hoje também”, ou seja, nos dias de Paulo, “há um remanescente”. Provavelmente de tamanho considerável. A principal característica desse remanescente era que ele havia sido “escolhido pela graça”. A graça enfatiza que Deus chamou o remanescente à existência, assim como havia “reservado” para si mesmo a minoria fiel nos dias de Elias.

Graça é a bondade de Deus para com os que não merecem, de modo que, se a eleição de Deus é “pela graça, já não é mais pelas obras; se fosse, a graça já não seria graça”. Em nossa era marcada pela névoa do relativismo, é reconfortante ver a determinação de Paulo de manter a pureza dos significados verbais. Seu objetivo é insistir em que a graça exclui as obras, ou seja, a iniciativa de Deus exclui a nossa.

UM ESPÍRITO DE ATORDOAMENTO

ROMANOS 11.7-12

7 Que dizer então? Israel não conseguiu aquilo que tanto buscava, mas os eleitos
o obtiveram. Os demais foram endurecidos, 8 como está escrito: “Deus lhes deu
um espírito de atordoamento, olhos para não ver e ouvidos para não ouvir, até o
dia de hoje”. 9 E Davi diz: “Que a mesa deles se transforme em laço e armadilha,
pedra de tropeço e retribuição para eles. 10 Escureçam-se os seus olhos, para que
não consigam ver, e suas costas fiquem encurvadas para sempre”. 11 Novamente
pergunto: Acaso tropeçaram para que ficassem caídos? De maneira nenhuma!
Ao contrário, por causa da transgressão deles, veio salvação para os gentios, para
provocar ciúme em Israel. 12 Mas se a transgressão deles significa riqueza para o
mundo, e o seu fracasso, riqueza para os gentios, quanto mais significará a sua
plenitude!

Como Paulo aplica esta teologia do remanescente aos fatos de sua própria época e experiência? Ela o obriga a deixar de fazer generalizações sobre “Israel” e a fazer uma divisão. Pois Israel “não conseguiu aquilo que tanto buscava [provavelmente, justiça]”, pelo menos não como um todo; “mas os eleitos o obtiveram”, ou seja, os que foram escolhidos pela graça e, assim, justificados pela fé. “Os demais”, a maioria de israelitas incrédulos, “foram endurecidos”. Resta-nos pouca dúvida de que Paulo queria dizer que eles foram endurecidos por Deus, visto que o versículo seguinte diz que “Deus lhes deu um espírito de atordoamento”. No entanto, como aconteceu com o endurecimento do faraó e daqueles representados por ele, vê-se um processo judicial pelo qual Deus entrega o povo à própria teimosia.

O que esse endurecimento significa na prática Paulo continua a mostrar a partir de duas citações do Antigo Testamento que se referem a olhos que não podem ver.

A primeira citação é uma combinação de Deuteronômio 29.2-4 e Isaías 29.10. No texto de Deuteronômio, Moisés diz aos israelitas que, embora tenham testemunhado as maravilhas de Deus, o Senhor não lhes deu “mente que entenda, olhos que vejam, e ouvidos que ouçam” (Dt 29.4). Do texto de Isaías, Paulo cita apenas a primeira frase, no sentido de que Deus lhes deu “um espírito de atordoamento” – ou “um sono profundo” –, uma perda total de sensibilidade espiritual que eles infligiram a si mesmos antes que ela se tornasse um juízo divino. Essa condição, acrescenta Paulo, continua a afligir Israel até hoje.

A segunda citação de Paulo vem do Salmo 69, que descreve a experiência de perseguição sofrida por um justo. Os primeiros cristãos logo identificaram esse salmo como sendo messiânico. Essa vítima de hostilidade infundada ora para que Deus a vindique e para que o justo juízo de Deus caia sobre seus inimigos. Por causa da natureza messiânica do salmo, Paulo é capaz de inverter a aplicação dele. Em vez de ser o perseguido, Israel torna-se – em sua rejeição a Cristo – o perseguidor.

Assim, enquanto há um remanescente de israelitas que creem, a maioria está endurecida. Mas a situação atual não é permanente nem irremediável. A queda de Israel, que Paulo provou não ser total, não é final. Pelo contrário, longe de estarem em uma espiral descendente, a espiral é ascendente. Eles não tropeçaram “para que ficassem caídos”, mas, sim, para ascenderem e, nessa ascensão, experimentarem – e também fazerem os gentios experimentarem – bênçãos maiores do que teriam recebido se não tivessem caído, em primeiro lugar. Assim é a providência misericordiosa de Deus.

UMA OLIVEIRA BRAVA QUE FOI ENXERTADA

ROMANOS 11.13-21

13Estou falando a vocês, gentios. Visto que sou apóstolo para os gentios, exalto o

meu ministério, 14na esperança de que de alguma forma possa provocar ciúme em meu próprio povo e salvar alguns deles.15Pois se a rejeição deles é a reconciliação do mundo, o que será a sua aceitação, senão vida dentre os mortos? 16Se é santa a parte da massa que é oferecida como primeiros frutos, toda a massa também o é; se a raiz é santa, os ramos também o serão. 17Se alguns ramos foram cortados, e você, sendo oliveira brava, foi enxertado entre os outros e agora participa da seiva que vem da raiz da oliveira cultivada, 18não se glorie contra esses ramos. Se o fizer, saiba que não é você quem sustenta a raiz, mas a raiz a você. 19Então você dirá: “Os ramos foram cortados, para que eu fosse enxertado”. 20Está certo. Eles, porém, foram cortados devido à incredulidade, e você permanece pela fé. Não se orgulhe, mas tema. 21Pois, se Deus não poupou os ramos naturais, também não poupará você.

A sequência de pensamento de Paulo é como uma corrente com três argolas. Primeiro, por meio da queda de Israel, a salvação já chegou aos gentios. Segundo, essa salvação dos gentios deixará Israel com ciúmes e, assim, levará à restauração ou plenitude de Israel. Terceiro, a plenitude de Israel trará ainda riquezas muito maiores ao mundo. Portanto, a bênção vai de Israel para os gentios, dos gentios volta para Israel e de Israel vai para os gentios novamente. A primeira etapa já aconteceu; é a base na qual pode se esperar com confiança que a segunda e a terceira aconteçam.

Quando vir as bênçãos da salvação sendo desfrutadas por gentios cristãos, Israel cobiçará essas bênçãos para si mesmo, se arrependerá e crerá que Jesus irá protegê-lo. Assim, provocado a sentir um bom tipo de inveja, Israel será levado à conversão. A salvação desfrutada por Israel se propagará em outras bênçãos para o mundo.

Paulo usa duas pequenas metáforas que funcionam como provérbios – uma extraída da vida cerimonial de Israel e a outra, da agricultura. Ambas têm claramente o objetivo de justificar a confiança de Paulo na propagação ou aumento de bênçãos que está descrevendo. Assim como quando uma parte representativa da massa é consagrada a Deus, toda a massa pertence a ele,

quando os primeiros convertidos creem, pode-se esperar a conversão de todo o resto em seguida. E, uma vez que os patriarcas judeus pertencem a Deus mediante a aliança, o mesmo acontece com seus descendentes que estão incluídos na aliança. Essa imagem da “raiz” e dos “ramos” leva Paulo a desenvolver sua alegoria da oliveira.

A oliveira, cultivada em bosques ou pomares em toda a Palestina, era um símbolo comum de Israel. Paulo desenvolve a metáfora para ilustrar seu ensinamento sobre judeus e gentios. A oliveira cultivada é o povo de Deus, cuja raiz são os patriarcas e cujo tronco representa a continuidade dos séculos. Os ramos que foram “cortados” representam os judeus incrédulos que foram temporariamente eliminados, e a “oliveira brava”, que foi “[enxertada] entre os outros”, representa os cristãos gentios.

A oliveira passou por uma poda e um enxerto. Alguns ramos foram cortados da árvore cultivada; ou seja, alguns judeus foram rejeitados. No lugar deles uma oliveira brava foi enxertada; isto é, alguns gentios creram e foram recebidos entre o povo da aliança de Deus. A advertência feita aos gentios cristãos é clara. Eles não deveriam ficar arrogantes, pois é somente “pela fé” que eles permanecem.

ESPERANÇA PARA ISRAEL

ROMANOS 11.22-27

22Portanto, considere a bondade e a severidade de Deus: severidade para com
aqueles que caíram, mas bondade para com você, desde que permaneça na
bondade dele. De outra forma, você também será cortado. 23E quanto a eles, se
não continuarem na incredulidade, serão enxertados, pois Deus é capaz de
enxertá-los outra vez. 24Afinal de contas, se você foi cortado de uma oliveira
brava por natureza e, de maneira antinatural, foi enxertado numa oliveira

cultivada, quanto mais serão enxertados os ramos naturais em sua própria oliveira? 25Irmãos, não quero que ignorem este mistério, para que não se tornem presunçosos: Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegue a plenitude dos gentios. 26E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: “Virá de Sião o redentor que desviará de Jacó a impiedade. 27E esta é a minha aliança com eles quando eu remover os seus pecados”.

Paulo apresenta uma advertência aos cristãos gentios e uma promessa aos judeus. Se os enxertados pudessem ser cortados, então os cortados poderiam ser enxertados novamente. Uma vez que os ramos naturais fossem cortados, os bravos poderiam ser também. Os gentios poderiam ser rejeitados como os judeus. Não há espaço para complacência. E, uma vez que os ramos bravos fossem enxertados, os naturais também poderiam ser. Os judeus poderiam ser aceitos como os gentios. Não há espaço para desespero.

Paulo agora se dirige de maneira direta aos seus leitores, seus “irmãos”, provavelmente incluindo membros gentios e judeus da igreja, uma vez que agora vai se referir ao futuro de ambos. O que Paulo, sobretudo, quer que eles saibam é “[deste] mistério”, não um segredo conhecido apenas pelos iniciados, mas um segredo que agora foi revelado abertamente e, portanto, tornou-se verdade pública. Em essência, o mistério é o próprio Cristo. Mas, em particular, é a boa notícia de que, em Cristo, os gentios agora são beneficiários das promessas de Deus, com os mesmos direitos dos judeus, e são, igualmente, membros da família de Deus.

O mistério consiste em três verdades consecutivas. “Israel experimentou um endurecimento em parte.” Paulo já declarou esse fato, mas agora enfatiza que é apenas parcial, uma vez que nem todos os israelitas o experimentaram, e apenas temporário, uma vez que durará somente “até que chegue a plenitude dos gentios”. Enquanto Israel permanecer endurecido e continuar a rejeitar a Cristo, o evangelho será pregado em todo o mundo, e um número cada vez maior de gentios ouvirá e responderá a ele. “E assim todo o Israel será salvo.” Esse “Israel” refere-se ao Israel étnico ou nacional em contraste com as nações

gentílicas. “Todo o Israel” deve referir-se à grande massa de judeus, compreendendo tanto a maioria antes endurecida como a minoria que crê. Não é necessário referir-se literalmente a cada israelita.

Que tipo de salvação está em vista? O fundamento bíblico, que Paulo agora provê, ajuda-nos a responder a esta pergunta. O redentor viria para levar seu povo ao arrependimento e, assim, ao perdão, de acordo com a promessa da aliança de Deus. A salvação de Israel pela qual Paulo ora, a qual ele levará seu próprio povo despertando a inveja dele, que também virá para os gentios e que, um dia, todo o Israel experimentará, é a salvação do pecado mediante a fé em Cristo.

A MISERICÓRDIA DE DEUS PARA COM TODOS

ROMANOS 11.28-32

28 Quanto ao evangelho, eles são inimigos por causa de vocês; mas quanto à
eleição, são amados por causa dos patriarcas, 29 pois os dons e o chamado de
Deus são irrevogáveis. 30 Assim como vocês, que antes eram desobedientes a
Deus, mas agora receberam misericórdia, graças à desobediência deles, 31 assim
também agora eles se tornaram desobedientes, a fim de que também recebam
agora misericórdia, graças à misericórdia de Deus para com vocês. 32 Pois Deus
colocou todos sob a desobediência, para exercer misericórdia para com todos.

Paulo resume seu argumento em duas declarações distintas, ambas muito bem elaboradas e desenvolvidas. Ambas se concentram nos israelitas ainda incrédulos (“eles”), embora em relação aos gentios cristãos (“vocês”). Ambas não apenas descrevem a realidade presente – que inclui a contínua incredulidade dos judeus –, mas também indicam as razões para confiar que Deus não rejeitou seu povo nem permitiu que ficasse caído. Essas razões para a confiança são a eleição e a misericórdia de Deus.

Primeiro, a eleição de Deus é irrevogável. Por um lado, os judeus não estão apenas rejeitando o evangelho, mas também se opondo efetivamente e fazendo o possível para impedir que os gentios o ouçam. Então, em relação ao evangelho, e por causa de vocês – porque Deus quer que vocês ouçam e creiam –, ele é hostil a eles. Por outro lado, os judeus são o povo especial que Deus escolheu, os descendentes dos nobres patriarcas com quem foi feita a aliança e a quem a promessa foi dada. Assim, em relação à eleição, e por causa dos patriarcas – porque Deus é fiel à sua aliança e promessas –, ele os ama e está determinado a levá-los à salvação. Pois Deus nunca volta atrás em se tratando de seus dons ou chamado.

A segunda razão para confiar que Deus tem um futuro para seu povo é a misericórdia divina. Pois a misericórdia de Deus é mostrada ao desobediente. A desobediência humana e a misericórdia divina são descritas na experiência de gentios e judeus; a diferença óbvia é que, enquanto Deus já foi misericordioso para com os gentios desobedientes, mas arrependidos, sua misericórdia para com o Israel desobediente pertence, em grande parte, ao futuro. É por causa do Israel desobediente que os gentios desobedientes receberam misericórdia, e é por causa dessa misericórdia para com os gentios desobedientes que os judeus desobedientes receberão misericórdia também. Mais uma vez detectamos a corrente de bênçãos, uma vez que a desobediência de Israel levou à misericórdia para com os gentios, a qual, por sua vez, levará à misericórdia para com Israel.

Paulo esforçou-se muito para provar que não há distinção entre judeus e gentios, seja em termos de pecado ou salvação. Agora ele escreve que, assim como estiveram juntos na prisão da desobediência, eles estarão juntos na liberdade da misericórdia de Deus. Além disso, ele previu a plenitude futura tanto de Israel como dos gentios. Quando essas duas plenitudes se unirem, a nova humanidade se cumprirá, consistindo de grande número de remidos, a grande multidão de várias nações que ninguém pode contar, que antes estavam em Adão, mas agora estão em Cristo, experimentando sua graça abundante e reinando com ele em vida.

A DOXOLOGIA DE PAULO

ROMANOS 11.33-36

33 Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão
insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos! 34 "Quem
conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?" 35 "Quem primeiro
lhe deu, para que ele o recompense?" 36 Pois dele, por ele e para ele são todas as
coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém.

Passo a passo Paulo mostrou como Deus revelou sua maneira de justificar os pecadores, como Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação, como estamos unidos com Cristo em sua morte e ressurreição, como a vida cristã é vivida não debaixo da lei, mas no Espírito, e como Deus intenta incorporar a plenitude de Israel e dos gentios à sua nova comunidade. Os horizontes de Paulo são vastos, incluindo tempo e eternidade, história e escatologia, justificação, santificação e glorificação. Agora ele para, sem fôlego. Análise e argumento devem dar lugar a adoração.

Paulo já havia escrito sobre a riqueza de Deus e as riquezas que o Senhor Jesus concede indiscriminadamente a todos os que o invocam. Em outras passagens ele descreve Deus como "rico em misericórdia" e se refere às riquezas inesgotáveis de Cristo. A ideia predominante é a de que a salvação é um dom das riquezas de Deus e que enriquece imensamente aqueles que a recebem.

Em seguida, temos a sabedoria de Deus, escondida em Cristo, mostrada na cruz – embora, para os seres humanos, pareça loucura – e revelada em seu propósito salvífico. Se a sabedoria de Deus planejava salvação, a riqueza de Deus a concede. A riqueza e a sabedoria de Deus não são meramente profundas; são

incomensuráveis. Suas decisões são insondáveis e seus caminhos, inescrutáveis.

É ridículo, como deixam claras as duas citações do Antigo Testamento usadas por Paulo, imaginar que poderíamos ensinar ou dar algo a Deus. Seria absurdo afirmar que conhecemos sua mente e lhe oferecemos nosso conselho. Seria igualmente absurdo afirmar que lhe demos uma dádiva, e, por isso, ele está em dívida para conosco. Não somos conselheiros de Deus; ele que é o nosso. Não somos credores de Deus; ele que é o nosso. Dependemos totalmente dele para ensinar-nos e salvar-nos. A iniciativa tanto na revelação como na redenção está em sua graça.

Se perguntarmos de onde vieram todas as coisas no princípio e de onde ainda vêm hoje, nossa resposta deve ser “de Deus”. Se perguntarmos como todas as coisas passaram a existir e ainda existem, nossa resposta é “por Deus”. Se perguntarmos por que todas as coisas passaram a existir e para onde vão, nossa resposta deve ser “para Deus”. Deus é o Criador, Sustentador e Herdeiro de todas as coisas, a fonte, o meio e o fim delas. Ele é o Alfa e o Ômega, e todas as demais letras do alfabeto.

É porque todas as coisas são de Deus, por ele e para ele que a glória deve ser somente dele. O verdadeiro conhecimento de Deus sempre nos levará à adoração, como aconteceu com Paulo. Nosso lugar é estar de rosto prostrado diante dele em adoração.

GUIA PARA DISCUSSÃO

ROMANOS 11

PARA RESPONDER

Quais são algumas de suas “raízes” pessoais na fé cristã?

PARA ESTUDAR

Leia Romanos 11.

Os versículos 1 e 11 respondem a duas perguntas como um esboço para a seção da carta de Paulo. Tendo em vista o que Paulo disse até aqui, por que essas perguntas são justas?

Concentre-se nos versículos 1-10. Como a experiência de Elias poderia ser um consolo para os judeus convertidos ao cristianismo (v. 2-5)?

Como você descreveria a tensão entre graça e obras (v. 5-6)?

O que você acha preocupante nos versículos 7-10?

Concentre-se nos versículos 11-24. O que a árvore com os ramos enxertados expressa sobre os relacionamentos entre Deus, os judeus e os gentios?

O versículo 22 diz: “Portanto, considere a bondade e a severidade de Deus”. Qual dessas duas qualidades você provavelmente enfatizará mais? Que perigos essa ênfase desequilibrada poderia criar?

Concentre-se nos versículos 25-32. Que razões para a esperança você encontra aqui?

A misericórdia de Deus vem à tona várias vezes nesses versículos. Em que sentidos os judeus e os gentios são recipientes da misericórdia de Deus?

Como você vê a misericórdia de Deus em ação?

Estude a doxologia dos versículos 33-36. Como o caráter de Deus se reflete nesse cântico de louvor?

Os capítulos 9-11 de Romanos, muitas vezes chamados “a seção judaica”, há muito têm a reputação de serem difíceis de interpretar. Como essa doxologia se encaixa perfeitamente nesta parte da carta de Paulo?

PARA APLICAR

O versículo 20 aconselha o leitor: “Não se orgulhe, mas tema”. Quais são algumas das maneiras pelas quais você pode expressar a devida humildade sobre seu relacionamento com Deus?

Os versículos 11-21 descrevem uma imagem poderosa de uma oliveira com um ramo cortado e um ramo bravo enxertado, extraindo vida de suas raízes profundas. Que pontos fortes você pode tirar desse sistema de raízes da antiga fé hebraica?

4 ROMANOS 12

SENDO PRÁTICO

SACRIFÍCIOS VIVOS

ROMANOS 12.1-2

[1]Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. [2]Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Não há maior incentivo à vida santa do que contemplar a misericórdia de Deus. A graça de Deus, longe de encorajar ou tolerar o pecado, é a fonte e o fundamento da conduta correta.

Pelas misericórdias de Deus, Paulo faz seu apelo ético, que diz respeito à apresentação de nosso corpo a Deus e nossa transformação pela renovação de nossa mente. Ele nos representa como um povo sacerdotal que, em gratidão como resposta pela misericórdia de Deus, “se oferece” ou apresenta o próprio corpo como sacrifício vivo, o que é “santo e agradável a Deus”, o equivalente moral a ser fisicamente puro ou sem defeito, e um aroma fragrante. Tal oferta é “culto racional”, o qual poderia significar lógico ou sensato. Esse sacrifício vivo, esse culto espiritual, racional, não deve ser oferecido nos pátios do templo ou no edifício da igreja, mas, sim, na vida doméstica e nas ruas. É a apresentação de

nosso corpo a Deus.

Ainda hoje, alguns cristãos se sentem constrangidos em relação ao próprio corpo. O convite evangélico tradicional é o de que devemos entregar nosso coração a Deus, não nosso corpo. Mas não é agradável a Deus nenhuma adoração que seja puramente interior, abstrata e mística; ela deve se expressar em atos concretos de serviço realizados por nosso corpo.

A segunda parte do apelo de Paulo se refere à nossa transformação segundo a vontade de Deus. É a versão paulina do chamado à não conformidade e à santidade feito ao povo de Deus do começo ao fim da Escritura. Ao que parece, nós, seres humanos, precisamos de um modelo para copiar, e, no final, existem apenas dois. Há “este mundo”, que está perecendo, e há a “vontade de Deus”, que é “boa, agradável e perfeita”. A mudança que ocorre no povo de Deus é uma transformação fundamental de caráter e conduta, longe dos padrões do mundo e à imagem do próprio Cristo.

Embora Paulo não nos diga aqui como nossa mente se torna renovada, sabemos por meio de outros de seus textos que é por uma combinação do Espírito e da Palavra de Deus. Certamente, a regeneração pelo Espírito Santo implica a renovação de cada parte de nossa humanidade, que foi manchada e deformada pela queda, e isso inclui nossa mente. Mas, além disso, precisamos da Palavra de Deus, que é a “espada” do Espírito e age como uma revelação objetiva da vontade de Deus.

Seguem, portanto, os estágios da transformação moral cristã: primeiro, nossa mente é renovada pela Palavra e Espírito de Deus; depois somos capazes de discernir e desejar a vontade de Deus e, então, somos cada vez mais transformados por ela.

JULGANDO-NOS COM PRECISÃO

ROMANOS 12.3-5

3 Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: Ninguém tenha de si
mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um
conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu.
4 Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses
membros não exercem todos a mesma função, 5 assim também em Cristo nós,
que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os
outros.

Paulo dirige-se aos seus leitores romanos com a autoridade consciente de apóstolo de Cristo. Ao pensarmos em nós mesmos, devemos evitar um conceito muito elevado a nosso respeito e – Paulo poderia ter acrescentado – um conceito muito baixo. Em vez disso, e de modo positivo, devemos desenvolver um "conceito equilibrado". Como? Primeiro, com referência à nossa fé e, segundo, com referência aos nossos dons. O padrão pelo qual avaliamos a nós mesmos é o mesmo para todos os cristãos, ou seja, a fé salvífica no Cristo crucificado. Somente esse evangelho da cruz pode nos capacitar para que nos avaliemos de maneira equilibrada.

Se o evangelho de Deus é o primeiro critério pelo qual devemos nos avaliar, o segundo são os dons de Deus. Para fazê-lo valer, Paulo faz uma analogia entre o corpo humano e a comunidade cristã. "Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função", embora – esteja implícito – as diferentes funções sejam necessárias para a saúde e o enriquecimento do todo, "assim também em Cristo", por meio de nossa união comum com ele, "nós, que somos muitos, formamos um corpo".

Embora Paulo esteja a ponto de dizer que somos o corpo de Cristo, sua afirmação de que somos "um corpo em Cristo" terá enormes implicações para a

comunidade cristã multiétnica em Roma. Como um corpo, “cada membro está ligado a todos os outros”. Ou seja, somos dependentes uns dos outros, e a necessidade que temos uns dos outros na comunhão cristã é fortalecida pela diversidade de nossos dons.

Essa metáfora do corpo humano, que Paulo desenvolve de diversas maneiras em diferentes cartas, permite que ele reúna aqui a unidade da igreja, a pluralidade dos membros e a variedade de dons. O reconhecimento de que Deus é quem dá os dons é indispensável se quisermos fazer uma avaliação precisa de nós mesmos.

Uma mente renovada é uma mente humilde como a de Cristo. Nossa mente renovada, que é capaz de discernir e aprovar a vontade de Deus, também deve estar em ação quando avaliamos a nós mesmos, nossa identidade e nossos dons. Pois precisamos saber quem somos e ter uma autoimagem precisa, ponderada e, sobretudo, equilibrada.

DIFERENTES DONS

ROMANOS 12.6-8

6 Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada. Se alguém tem
o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé. 7 Se o seu dom é servir, sirva;
se é ensinar, ensine; 8 se é dar ânimo, que assim faça; se é contribuir, que
contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é
mostrar misericórdia, que o faça com alegria.

Assim como a graça de Deus fez de Paulo um apóstolo, ela concede diferentes dons aos outros membros do Corpo de Cristo. Paulo prossegue dando aos seus

leitores um exemplo de sete dons, nos quais insiste para que sejam exercidos de modo consciente para o bem comum. Ele os divide em duas categorias, que podem ser chamadas de “dons de fala” – profetizar, ensinar e dar ânimo – e “dons de serviço” – servir, contribuir, exercer liderança e mostrar misericórdia.

O primeiro dom que Paulo menciona aqui é o de profetizar, isto é, falar sob inspiração divina. Os outros seis dons são mais comuns. Servir é uma palavra genérica usada para uma grande variedade de ministérios, por isso, seja qual for o dom ministerial que as pessoas tenham recebido, elas devem se concentrar em usá-lo. Da mesma forma, os professores devem aperfeiçoar seu dom de ensinar e desenvolver seu ministério de ensino. Dar ânimo tem uma ampla gama de significados, que vão de encorajar e exortar a confortar, conciliar ou consolar. Contribuir de forma pessoal é algo que deve ser feito com generosidade, sem rancor ou com sinceridade, sem segundas intenções. Exercer liderança com diligência é algo que pode se aplicar tanto no lar quanto na igreja. E mostrar misericórdia é cuidar de quem está com necessidade ou em perigo. Além disso, não devemos mostrar misericórdia com relutância ou arrogância, mas com alegria.

Esta lista de sete dons espirituais em Romanos 12 é muito menos conhecida que as duas listas sobrepostas em 1 Coríntios 12 ou a pequena lista de cinco designações em Efésios 4.11. É importante notar as semelhanças e as diferenças entre elas.

Primeiro, todas as listas concordam que a fonte dos dons é Deus e sua graça, embora, em Romanos, seja Deus Pai; em Efésios, Deus Filho e, em 1 Coríntios, Deus, o Espírito Santo. E, uma vez que são dons da graça trinitária, vanglória e inveja são excluídos. Segundo, o propósito dos dons está relacionado à edificação do corpo de Cristo. Terceiro, todas as listas enfatizam a diversidade dos dons, parecendo cada uma delas ser uma seleção aleatória. Mas, enquanto os estudiosos das listas de 1 Coríntios tendem a se concentrar no sobrenatural (línguas, profecia, cura e milagres), em Romanos 12 todos os dons à parte da profecia são gerais e práticos (serviço, ensino, incentivo e liderança) ou mesmo

prosaicos (dar dinheiro e praticar atos de misericórdia). É evidente que precisamos ampliar nossa compreensão dos dons espirituais.

AMOR SINCERO

ROMANOS 12.9-12

9 amor deve ser sincero. Odeiem o que é mau; apeguem-se ao que é bom.
10Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios. *11Nunca lhes falte o zelo, sejam fervorosos no espírito, sirvam ao Senhor.* *12Alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação, perseverem na oração.*

Até aqui em Romanos todas as referências ao amor foram ao amor de Deus, mas agora Paulo se concentra no amor como a essência do discipulado cristão. Cada um dos imperativos que ele destaca acrescenta um novo ingrediente à sua receita de amor.

Sinceridade. "O amor deve ser sincero", isto é, "sem hipocrisia". O hipócrita era, literalmente, o ator. A igreja não deve se transformar em um palco. O amor não é teatral; pertence ao mundo real. Na verdade, amor e hipocrisia se excluem mutuamente.

Discernimento. "Odeiem o que é mau; apeguem-se ao que é bom." Pode parecer estranho que a ordem para odiar venha logo depois da exortação ao amor. Mas não devemos nos surpreender. Pois amor não é um sentimento cego. Pelo contrário, é discernimento. Dedica-se com tanto ardor ao objeto amado que odeia todo mal que é incompatível com o bem-estar maior desse objeto.

Afeição. “Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal.” As palavras que Paulo usa aqui eram originalmente aplicadas às relações na família humana. Paulo volta a aplicá-las à afeição terna e calorosa que deveria unir os membros da família de Deus.

Honra. “Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios.” Esta é a segunda exortação do tipo “uns aos outros” que Paulo faz. O amor na família cristã deve se expressar na honra mútua, bem como na afeição mútua.

Entusiasmo. “Nunca lhes falte o zelo, sejam fervorosos no espírito, sirvam ao Senhor.” O entusiasmo religioso muitas vezes é desprezado por ser considerado fanatismo. Mas zelo é bom, contanto que esteja de acordo com o conhecimento. Ao pedir aos romanos que mantivessem o fervor espiritual, é quase certo que Paulo está se referindo ao Espírito Santo. O compromisso prático com o Senhor Jesus, como o escravo para com o senhor, manterá o zelo enraizado na realidade.

Paciência. “Alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação, perseverem na oração.” Na essência desta tríade está a referência à esperança, ou seja, nossa confiante expectativa cristã do retorno do Senhor e da glória que virá em seguida. Para nós, esta é a fonte de alegria contínua. Mas ela também pede paciência, enquanto suportamos a tribulação e perseveramos na oração.

MAIS SOBRE O AMOR CRISTÃO

ROMANOS 12.13-16

13 Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades. Pratiquem
a hospitalidade. 14 Abençoem aqueles que os perseguem; abençoem, e não os
amaldiçoem. 15 Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram.
16 Tenham uma mesma atitude uns para com os outros. Não sejam orgulhosos,
mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior. Não sejam
sábios aos seus próprios olhos.

Paulo continua com sua receita de amor cristão sincero.

Generosidade. "Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades." Isso pode significar participar das necessidades e sofrimentos das pessoas ou compartilhar nossos recursos com eles. Somos lembrados da generosidade na igreja primitiva de Jerusalém, cujos membros compartilhavam com os que tinham mais necessidades do que eles.

Hospitalidade. "Pratiquem a hospitalidade." O amor aos irmãos em Cristo tem de ser equilibrado pelo amor aos estranhos. A hospitalidade era, sobretudo, importante nos dias de Paulo, uma vez que eram poucas as hospedarias, e as que existiam eram muitas vezes lugares inseguros ou repugnantes. Era essencial, portanto, que os cristãos abrissem seus lares para os viajantes e, em particular, que os líderes da igreja local fizessem o mesmo. Na verdade, Paulo não exortou os romanos a "praticarem" a hospitalidade, mas, sim, literalmente a "buscarem-na".

Boa vontade. "Abençoem aqueles que os perseguem; abençoem, e não os amaldiçoem." Embora nossos perseguidores estejam fora da comunidade cristã, o chamado a abençoá-los é um desafio necessário para o amor cristão. Bênção e maldição são opostos, o que significa desejar às pessoas coisas boas ou más, saúde ou mal, respectivamente. Não há forma melhor de expressar nossos desejos pelo bem-estar de nossos inimigos do que transformar esses desejos em oração e em ação.

Simpatia. “Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram.” O amor nunca se afasta das alegrias ou dores das pessoas. O amor se identifica com elas, canta com elas e sofre com elas. O amor entra profundamente em suas experiências e emoções, em suas risadas e lágrimas, e se sente solidário com elas, seja qual for o estado de ânimo dessas pessoas.

Harmonia. “Tenham uma mesma atitude uns para com os outros.” Literalmente, a frase é: “Pensem a mesma coisa uns em relação aos outros”. Uma vez que os cristãos têm uma mente renovada, ela também deveria ser uma mente comum, compartilhando as mesmas convicções e preocupações básicas. Sem essa mente comum, não podemos viver ou trabalhar juntos em harmonia.

Humildade. “Não sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior. Não sejam sábios aos seus próprios olhos”. Os esnobes são obcecados por questões de status, pela estratificação da sociedade em classes “alta” e “baixa” ou sua divisão em tribos e castas distintas, e o mesmo acontece com as companhias que eles têm. Eles esquecem que Jesus se confraternizou, de modo livre e natural, com os socialmente excluídos e chamou seus seguidores a fazerem o mesmo com igual liberdade e naturalidade.

Que imagem ampla do amor cristão Paulo nos dá! O amor é sincero, discerne, tem afeição e respeita. É entusiasta e paciente, generoso e hospitaleiro, benevolente e solidário. É marcado por harmonia e humildade. As igrejas cristãs seriam comunidades mais felizes se todos amássemos uns aos outros dessa maneira.

VENÇAM O MAL COM O BEM

ROMANOS 12.17-21

17 Não retribuam a ninguém mal por mal. Procurem fazer o que é correto aos
olhos de todos. 18 Façam todo o possível para viver em paz com todos. 19 Amados,
nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a ira, pois está escrito: “Minha
é a vingança; eu retribuirei”, diz o Senhor. 20 Ao contrário: “Se o seu inimigo
tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber. Fazendo isso, você
amontoará brasas vivas sobre a cabeça dele”. 21 Não se deixem vencer pelo mal,
mas vençam o mal com o bem.

A característica mais impressionante deste último trecho, se acrescentarmos a ele o versículo 14 que o antecipou, é que ele contém quatro imperativos negativos enfáticos, dizendo a mesma coisa com palavras diferentes. Retaliação e vingança são absolutamente proibidos aos seguidores de Jesus. E, apesar de nossa tendência inata à vingança, desde o “olho por olho” da criança à determinação mais sofisticada de se vingar do adulto, Jesus nos chama, em vez disso, a imitá-lo. Ele nunca revidou em palavras ou ações. Há um lugar para o castigo dos que praticam o mal nos tribunais, e Paulo chegará a isso mais adiante em Romanos. Mas, em nossa conduta pessoal, nunca devemos pagar com a mesma moeda, fazendo mal àqueles que nos fizeram mal.

No entanto, a ética cristã nunca é puramente negativa, e cada um dos quatro imperativos negativos de Paulo é acompanhado por um positivo. Se a primeira antítese de Paulo entre o bem e o mal foi “abençoem, e não os amaldiçoem”, que já consideramos, a segunda começa: “Não retribuam a ninguém mal por mal”. Em vez disso, devemos “[procurar] fazer o que é correto aos olhos de todos”. Seria inconsistente evitarmos o mal se, ao mesmo tempo, não praticássemos o bem.

Segue outro imperativo, igualmente universal em sua aplicação, em contrapartida à retaliação. “Façam todo o possível para viver em paz com todos.” Recusar-se a pagar com o mal é recusar-se a instigar uma discussão. Mas também temos de tomar a iniciativa quando o assunto é pacificação. Às vezes, as outras pessoas não estão dispostas a viver em paz conosco, ou estabelecem uma

condição para a reconciliação que envolve uma concessão moral inaceitável. Ainda assim, devemos fazer um esforço, mesmo que a paz nem sempre seja possível.

A terceira proibição de Paulo e sua contrapartida positiva são: "Amados, nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a irá, porque a vingança pertence ao Senhor. É-nos dito agora que as duas atividades que nos são proibidas – retaliação e punição – pertencem a Deus. Retribuir mal por mal ou julgar o mal nos é proibido não porque o ato em si seja errado – pois o mal merece ser punido e deveria sê-lo –, mas porque é prerrogativa de Deus, não nossa. Devemos permitir que a ira de Deus se expresse por meio da administração da justiça pelo Estado.

As duas alternativas positivas para a vingança são deixar qualquer punição para Deus e, enquanto isso, ocupar-se, cuidando do bem-estar de nosso inimigo. Estas alternativas não são contraditórias. Nossa responsabilidade pessoal é amar e servir ao nosso inimigo de acordo com suas necessidades e genuinamente buscar seu bem maior.

GUIA PARA DISCUSSÃO

ROMANOS 12

PARA RESPONDER

Em seu modo de ver a fé, você se considera mais prático ou mais teórico? Explique sua resposta.

PARA ESTUDAR

Leia Romanos 12.

Usando o conteúdo dos versículos 1-2, descreva com suas próprias palavras uma resposta apropriada para a misericórdia de Deus.

Note que estes versículos falam de mente e corpo. Por que ambos são importantes em nosso relacionamento com Deus?

Quais são algumas das maneiras práticas pelas quais você poderia se oferecer em sacrifício vivo a Deus?

Em que sentidos um grupo de cristãos se assemelha a um só corpo? (Compare a palavra corpo nos v. 4 e 5.)

Estude a lista de dons nos versículos 6-8. Como cada um poderia contribuir para o bem-estar de outros cristãos?

Que expressões de amor você encontra nos versículos 9-16? (Encontre todas que puder.)

Quando o fato de ter recebido uma das expressões de amor descritas aqui causou um grande impacto em você?

Duas vezes nos versículos 17-21 Paulo usa a palavra não e, uma vez, nunca. Que temas gerais você vê naquilo que não devemos fazer?

Após cada vez que usou não e nunca, Paulo diz o que devemos fazer. Tendo em vista essas instruções, como devemos lidar com pessoas que, de outra forma, poderiam ser nossas inimigas?

É fácil, quase natural, “se [deixar] vencer pelo mal” (v. 21). Simplesmente passamos a fazer o que está acontecendo ao nosso redor. Como os princípios desta passagem nos levam a vencer o mal?

Em que sentidos práticos Romanos 12 poderia ajudá-lo a obedecer ao mandamento de Cristo: “Amem os seus inimigos, façam o bem aos que os odeiam” (Lc 6.27)?.

PARA APLICAR

Poucos de nós têm pessoas a quem chamaríamos de inimigos. Mas a maioria de nós convive com pessoas difíceis, pessoas cujos interesses e valores são tão diferentes dos nossos que dificilmente poderíamos chamá-las de amigas. Lembre-se de uma dessas pessoas que particularmente torna sua vida difícil.

Vá para Romanos 12.9-21 com essa pessoa em mente. O que você acha aqui que poderia levá-lo a “viver em paz” com ela?

Que medida prática você poderia tomar nesse sentido?

Considere seus relacionamentos dentro de sua igreja, grupo de comunhão ou família. Tendo em vista os versículos 9-16, qual é uma das maneiras pelas quais você poderia expressar melhor seu amor a uma pessoa?

5 ROMANOS 13

CIDADANIA CONSCIENTE

AUTORIDADE ESTABELECIDA POR DEUS**

ROMANOS 13.1-3

[1]Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade
que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas.
[2]Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o
que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si
mesmos. [3]Pois os governantes não devem ser temidos, a não ser pelos que
praticam o mal. Você quer viver livre do medo da autoridade? Pratique o bem, e
ela o enaltecerá.

As relações entre Igreja e Estado foram controversas ao longo da história cristã. O modelo que se adapta melhor ao ensino de Paulo é a parceria, na qual Igreja e Estado se reconhecem e incentivam mutuamente, em um espírito de colaboração construtiva, as responsabilidades distintas que Deus deu a cada um deles.

O que Paulo escreve aqui é especialmente notável porque, naquele tempo, não havia autoridades cristãs – global, regional ou local. As autoridades eram romanas ou judaicas, em grande parte, inamistosas e até mesmo hostis à Igreja. No entanto, Paulo as tinha como autoridades estabelecidas por Deus, que exigia que os cristãos se submetessem a elas e cooperassem com elas.

Paulo começa com uma ordem clara de aplicação universal: “Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais”. A razão dessa exigência é que a autoridade do Estado provém de Deus. Portanto, o Estado é uma instituição divina com autoridade divina. Os cristãos não são anarquistas ou subversivos.

Precisamos ser cautelosos, no entanto, com o modo como interpretamos as declarações de Paulo. Ele não pode querer dizer que todos os tiranos foram pessoalmente designados por Deus, que Deus é responsável pelo comportamento deles ou que nunca pode haver resistência à autoridade deles. Paulo quer dizer, em vez disso, que toda autoridade humana provém da autoridade de Deus. Por exemplo, Pilatos usou mal sua autoridade para condenar Jesus; no entanto, a autoridade que ele usou para fazer isso lhe havia sido delegada por Deus.

Tendo exigido submissão, Paulo agora adverte contra a rebelião. É claro que a afirmação de que os governantes enaltecem “os que fazem o bem” (NTLH) e punem os “que praticam o mal” não é, invariavelmente, verdadeira. Embora tivesse recebido de procuradores e centuriões os benefícios da justiça romana, Paulo também sabia da injustiça cometida na condenação de Jesus. E, se todos os tribunais provinciais fossem justos, ele não teria precisado apelar a César. Assim, ao descrever governantes de maneira tão favorável, como autoridades que enaltecem os que fazem o bem e se opõem aos que praticam o mal, ele está declarando o ideal divino, não a realidade humana.

Mas, se a autoridade dos governantes provém de Deus, o que acontece se eles abusarem dela, se inverterem o papel que Deus lhes deu, enaltecendo os que praticam o mal e punindo os que fazem o bem? A exigência de que todos devem se sujeitar ainda é válida em tal situação moralmente perversa? Não. Devemos nos sujeitar até o ponto em que obediência ao Estado implicaria desobediência a Deus. Mas, se o Estado ordena aquilo que Deus proíbe ou proíbe aquilo que Deus ordena, então nosso simples dever cristão é resistir, não nos submeter ao Estado e, para obedecer a Deus, desobedecer ao Estado. Toda vez que são aprovadas leis que contradizem a lei de Deus, a desobediência civil torna-se um

dever cristão.

SEJAMOS SUBMISSOS ÀS AUTORIDADES

ROMANOS 13.4-5

4Pois é serva de Deus para o seu bem. Mas, se você praticar o mal, tenha medo, pois ela não porta a espada sem motivo. É serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal. 5Portanto, é necessário que sejamos submissos às autoridades, não apenas por causa da possibilidade de uma punição, mas também por questão de consciência.

Assim como afirmou três vezes que o Estado tem a autoridade que provém de Deus, agora Paulo afirma três vezes que o mesmo Estado tem um ministério que provém de Deus. Estas são declarações significativas. Se estamos tentando desenvolver uma compreensão bíblica equilibrada sobre o Estado, serão centrais para ela as verdades de que a autoridade e o ministério do Estado lhe são dados por Deus. Aqueles que servem ao Estado como legisladores, funcionários públicos, magistrados, policiais, assistentes sociais ou cobradores de impostos são tão ministros de Deus quanto aqueles que servem à Igreja como pastores, mestres, evangelistas ou administradores.

Qual é o ministério que Deus confiou ao Estado? Diz respeito ao bem e ao mal, que são temas recorrentes em Romanos 12–13. Aqui, então, estão os ministérios complementares do Estado e seus representantes autorizados. “É serva de Deus para o seu bem” e “para punir quem pratica o mal”. Portanto, as funções do Estado são para promover e recompensar o bem e restringir e punir o mal.

A restrição e a punição do mal são universalmente reconhecidas como

responsabilidades primárias do Estado. Quando a autoridade governamental pune os que praticam o mal, ela é “serva de Deus, agente da justiça” contra eles. A ira de Deus, que um dia cairá sobre o impenitente e agora é vista na dissolução da ordem social, também opera por meio dos processos de aplicação da lei e da administração da justiça. Nós, seres humanos como indivíduos pessoais, não estamos autorizados a fazer justiça com as próprias mãos e punir os transgressores. A punição do mal é prerrogativa de Deus, e, durante a presente era, ele a exerce por meio dos tribunais.

Nesta distinção entre o papel do Estado e o do indivíduo, podemos talvez dizer que os indivíduos devem viver de acordo com o amor, não com a justiça, enquanto o Estado opera de acordo com a justiça, não com o amor. No entanto, esta não é, de modo algum, uma fórmula totalmente satisfatória, uma vez que confronta o amor e a justiça como se fossem opostos e alternativos, enquanto eles não se excluem mutuamente. Mesmo quando amamos e servimos aos nossos inimigos, devemos ainda nos preocupar com a justiça, e devemos também lembrar que o amor busca a justiça para os oprimidos. E, mesmo quando pronunciam a sentença, os juízes devem permitir que a justiça seja temperada pelo amor, isto é, pela misericórdia. Pois o mal não apenas deve ser punido; ele deve ser vencido.

DEEM A CADA UM O QUE LHE É DEVIDO

ROMANOS 13.6-7

6 É por isso também que vocês pagam imposto, pois as autoridades estão a
serviço de Deus, sempre dedicadas a esse trabalho. 7 Deem a cada um o que lhe é
devido: se imposto, imposto; se tributo, tributo; se temor, temor; se honra, honra.

O papel do Estado não é apenas punir o mal, mas também promover e recompensar a bondade. Certamente era assim nos dias de Paulo. No entanto,

esta função positiva do Estado é muito negligenciada hoje. O Estado, normalmente, é melhor em punir do que em recompensar, melhor em impor a lei do que em promover virtude e serviço.

A maioria dos países tem certos acordos para reconhecer cidadãos que contribuíram de forma notável para o bem público. Eles lhes fazem uma menção honrosa ou lhes dão um certificado, um título, uma condecoração ou algum outro símbolo de apreço. Mas poderiam, provavelmente, melhorar e ampliar seu sistema de prêmios, de modo que somente méritos excepcionais fossem recompensados, e as honras se tornassem cada vez mais valorizadas e cobiçadas. Talvez os cidadãos devessem receber um incentivo mais sólido para indicar pessoas de sua comunidade ao reconhecimento público.

Paulo conclui sua seção sobre o Estado com uma referência à criação e pagamento de impostos. A tributação era generalizada e variada no mundo antigo, incluindo um imposto pago por cabeça, impostos sobre a terra, royalties sobre produtos agrícolas e encargos sobre importações e exportações. Para Paulo, esta questão estava sob a rubrica do ministério do Estado.

Os partidos políticos divergem quanto ao tamanho desejável do papel do Estado na vida da nação e se ele deveria aumentar ou diminuir a tributação. Todos concordam, no entanto, que existem alguns serviços que o Estado deve prover, que esses serviços devem ser pagos e que isso torna os impostos necessários. Portanto, os cristãos devem aceitar sua responsabilidade fiscal com graça, pagando integralmente suas dívidas, nacionais e locais, diretas e indiretas, e também dando o devido respeito aos funcionários que as recolhem e aplicam. Seja “imposto”, “tributo”, “temor” ou “honra”, devemos “[dar] a cada um o que lhe é devido”.

Nesta breve passagem Paulo dá-nos um conceito muito positivo do Estado. Como consequência, os cristãos, que reconhecem que a autoridade e o ministério do Estado vêm de Deus, farão mais do que tolerá-lo como um mal necessário. Os

cidadãos cristãos conscientes irão submeter-se à autoridade do Estado, honrar seus representantes, pagar impostos e orar pelo bem-estar do Estado. Eles também incentivarão o Estado a cumprir o papel que Deus lhe designou e, na medida em que tiverem oportunidade, participarão ativamente dessa tarefa.

O AMOR CUMPRE A LEI

ROMANOS 13.8-10

8 Não devam nada a ninguém, a não ser o amor de uns pelos outros, pois aquele
que ama seu próximo tem cumprido a Lei. 9 Pois estes mandamentos: “Não
adulterarás”, “Não matarás”, “Não furtarás”, “Não cobiçarás”, e qualquer outro
mandamento, todos se resumem neste preceito: “Ame o seu próximo como a si
mesmo”. 10 O amor não pratica o mal contra o próximo. Portanto, o amor é o
cumprimento da Lei.

Paulo acaba de dizer que devemos “[dar] a cada um o que lhe é devido” (v. 7), incluindo o pagamento de nossos impostos. No entanto, sempre haverá uma dívida, porque nunca poderemos pagá-la, e essa dívida é nosso dever de amar. Nunca podemos deixar de amar alguém e dizer: “Já amei o suficiente”.

Se amamos nosso próximo, pelo menos no sentido de não praticar o mal contra ele, pode-se dizer que cumprimos a lei ainda que não tenhamos pagado totalmente nossa dívida. Paulo já afirmou que somos incapazes de cumprir a lei por nós mesmos, por causa de nossa natureza caída e egocêntrica. Mas Deus fez por nós o que a lei, enfraquecida por nossa natureza pecaminosa, foi incapaz de fazer. Ele nos livrou da condenação da lei, por meio da morte de seu Filho, e da escravidão da lei, pelo poder de seu Espírito que habita em nós. Agora Paulo deixa de enfatizar os meios de cumprimento da lei (o Espírito Santo) e enfatiza a natureza dela (o amor).

Algumas pessoas confiam ingenuamente na infalibilidade do amor. A verdade é que o amor não pode se orientar sozinho, sem um padrão moral objetivo. Por isso Paulo não escreveu que “o amor é o fim da lei', mas que”o amor é o cumprimento da Lei'. Pois amor e lei precisam um do outro. O amor precisa da lei para ter direção, enquanto a lei precisa do amor para ter inspiração.

Paulo, em seguida, explica como o amor ao próximo cumpre a lei. Todos os mandamentos de Deus “se resumem neste preceito: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’', como disse Jesus. É a essência do amor buscar e servir ao bem maior do próximo. É por isso que”o amor é o cumprimento da Lei'.

É-nos dito às vezes que o mandamento de amar ao próximo como a nós mesmos é um requisito para que amemos a nós mesmos assim como amamos nosso próximo. Mas podemos dizer com certeza que não é bem assim. Jesus falou do primeiro e segundo mandamentos sem mencionar um terceiro; o ágape é um amor altruísta que não pode se voltar para o "eu', e, segundo as Escrituras, o amor-próprio é a essência do pecado. Em vez disso, devemos declarar tudo o que há em nós que provém da criação, ao mesmo tempo que negamos tudo o que há em nós que provém da queda.

O que o segundo mandamento exige é que amemos ao próximo tanto quanto amamos, na verdade – pecadores como somos –, a nós mesmos. Se verdadeiramente amarmos nosso próximo, buscaremos seu bem, não seu mal, e cumpriremos, assim, a lei, mesmo que nunca paguemos totalmente nossa dívida.

A SALVAÇÃO ESTÁ PRÓXIMA

ROMANOS 13.11-12a

[11]Façam isso, compreendendo o tempo em que vivemos. Chegou a hora de vocês despertarem do sono, porque agora a nossa salvação está mais próxima do que quando cremos. [12]A noite está quase acabando; o dia logo vem.

Uma das características de nossa sociedade tecnológica é que somos escravos do tempo. Estamos sempre checando as horas e quanto tempo temos antes de nosso próximo compromisso ou responsabilidade.

Mas é mais importante saber o tempo de Deus, especialmente “o tempo em que vivemos”, o momento existencial de oportunidade e decisão. A Bíblia divide a história em “presente era” e “a era futura”, e os autores do Novo Testamento mostram claramente que a era futura ou o reino de Deus foi inaugurado por Jesus. Assim, neste momento, as duas eras se sobrepõem. Aguardamos com expectativa a vinda do Senhor, quando a velha era, finalmente, desaparecerá, o período de sobreposição findará e a nova era do reino de Deus se consumará. Paulo faz três referências ao tempo, que pressupõem a compreensão deste contexto.

Primeira, “chegou a hora” de despertarmos do sono. O tempo para dormir acabou. Agora é hora de acordar e se levantar.

Segunda, é assim “porque agora a nossa salvação está mais próxima do que quando cremos”. Salvação é um termo amplo, que inclui nosso passado (justificação), presente (santificação) e futuro (glorificação). É claro que Paulo tem em mente nosso futuro e salvação final, os quais descreveu anteriormente em termos da liberdade da glória, de nossa adoção final como filhos de Deus e da redenção de nosso corpo. Cada dia faz com que nossa salvação se aproxime mais.

Terceira, “a noite” – a velha era da escuridão – está bem avançada, de modo que “está quase acabando; o dia [em que Cristo voltará] logo vem”, está no limiar. Muitos leitores concluem que Paulo estava enganado. A noite se arrasta, e o dia, embora tivesse amanhecido na vinda de Cristo, ainda não havia experimentado a plenitude do nascer do sol na vinda de Jesus. Mas esse é um julgamento desnecessário. É improvável que Paulo tenha declarado que o fim seria iminente, porque Jesus disse que não sabia a hora, os apóstolos repetiram isso e sabiam que a evangelização mundial, a restauração de Israel e a apostasia devem preceder o desenlace final. Além disso, os apóstolos sabiam que o reino de Deus havia vindo com Jesus, que os eventos decisivos de salvação que o estabeleceram – sua morte, ressurreição, exaltação e dom do Espírito – já haviam ocorrido e que Deus não tinha nada em sua agenda antes da segunda vinda de Cristo. Seria o evento culminante que viria em seguida.

Assim, os apóstolos estavam, e nós estamos, vivendo nos “últimos dias”. É nesse sentido que Cristo está vindo “em breve”. Devemos estar atentos e alertas, porque não sabemos a hora. Vivemos na tensão familiar entre o “já” da primeira vinda de Cristo e o “ainda não” de sua segunda.

VIVENDO NA LUZ

ROMANOS 13.12b-14

12 Portanto, deixemos de lado as obras das trevas e revistamo-nos da armadura da
luz. 13 Comportemo-nos com decência, como quem age à luz do dia, não em
orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em desavença
e inveja. 14 Ao contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem
premeditando como satisfazer os desejos da carne.

“Portanto” ou “pois” (ARA) no meio do versículo 12 marca a transição das declarações de Paulo sobre o tempo para suas correspondentes exortações. Não

basta entender o tempo; temos de nos comportar de acordo.

Paulo faz três apelos. Os dois primeiros incluem-no – “portanto, deixemos de lado [...] comportemo-nos [...]” –, enquanto o terceiro é a forma direta com que intima seus leitores (“ao contrário, revistam-se”). Todos os três são sentenças duplas; os aspectos negativos e positivos do apelo formando uma antítese radical.

O primeiro continua a metáfora da noite e do dia, escuridão e luz. Trata-se de nossas vestes, e do que – à luz do dia – convém que usemos. Por causa da hora, não devemos apenas acordar e nos levantar, mas nos vestir também. Devemos tirar nossas roupas de dormir, “as obras das trevas”, e revestir-nos, como o equipamento diurno adequado para os soldados de Cristo, da “armadura da luz”.

De roupas apropriadas, Paulo passa para o comportamento apropriado. De modo positivo, “comportemo-nos com decência” ou, de modo apropriado, “como quem age à luz do dia”, ou seja, como se o dia já tivesse amanhecido, e deixemos de lado o tipo de coisas que as pessoas fazem sob a proteção da escuridão. Contrária ao comportamento cristão decente é a falta de domínio próprio nas áreas que envolvem bebida, sexo e relações sociais.

A terceira e última antítese de Paulo diz respeito à nossa preocupação, aquilo que prende nossa atenção como cristãos. As alternativas que temos diante de nós são o Senhor Jesus Cristo ou nossa natureza caída e egocêntrica. Revestir-nos de Cristo é algo que ainda temos de fazer ou continuar a fazer. O contexto sugere que essa veste é para proteção, não para adorno. Devemos assumir não só a semelhança com Cristo, mas o próprio Cristo.

Em contraste com a bela veste para nossa proteção que é Cristo, Paulo se refere à nossa natureza feia e egocêntrica, a “carne”. Ela não foi erradicada; ainda se faz

presente. É-nos dito que não só devemos resistir à vontade de satisfazer seus desejos, mas nem “[ficar premeditando] como” fazer isso. Pelo contrário, devemos ser implacáveis em se tratando de repudiá-los e matá-los.

O dia do retorno de Cristo está se aproximando cada vez mais. Fomos chamados a viver na luz dele, comportar-nos na noite constante como se o dia tivesse amanhecido, desfrutar do “já” do reino inaugurado, sabendo com certeza que o que “ainda não” veio, ou seja, o reino consumado, em breve chegará.

GUIA PARA DISCUSSÃO

ROMANOS 13

PARA RESPONDER

Qual era a atitude em relação ao governo no lar em que você cresceu?

PARA ESTUDAR

Leia Romanos 13.

O versículo 1 diz que devemos nos sujeitar às autoridades governamentais. Por

quê? (Encontre tudo o que puder nos v. 1-7).

Os versículos 6-7 dizem que devemos pagar nossas dívidas. De acordo com essa passagem, o que todos poderíamos dever ao governo?

Como os princípios dos versículos 1-7 poderiam influenciar o que você diz e faz durante o calor de uma campanha eleitoral?

Nenhum governo é perfeito, e alguns governos são cruéis e corruptos. Se você estivesse sob um governo cruel e corrupto, como poderia seguir os princípios implícitos de Romanos 13 e ainda fazer o que é certo?

Às vezes pensamos que a lei é dura e inflexível, enquanto vemos o amor como algo tolerante e flexível. No entanto, Paulo fala de lei e amor no mesmo parágrafo (v. 8-10). Que conexões você vê entre o amor e os mandamentos de Deus?

Como as leis listadas aqui podem nos mostrar maneiras práticas de expressar amor? (Pense em situações tentadoras nas quais essas leis lhe dariam direção no sentido do amor.)

Como a admoestação, “ame o seu próximo como a si mesmo” (v. 9), pode levar-nos a uma expressão piedosa de amor pelos outros?

De acordo com os versículos 11-14, como devemos nos preparar para o retorno de Cristo?

O que o versículo 11 quer dizer com “agora a nossa salvação está mais próxima do que quando cremos”?

Quais são algumas das maneiras pelas quais você pode “[se revestir] do Senhor Jesus Cristo” (v. 14)?

PARA APLICAR

Não podemos saber se a volta de Cristo ocorrerá daqui a outros dois mil anos ou muito em breve. Diante dessa incerteza, que tipo de pessoa você quer ser quando se encontrar com Jesus, não importa quando isso aconteça?

Concentre-se no mandamento “ame o seu próximo como a si mesmo”. Pense em maneiras pelas quais você expressa compreensão e se preocupa consigo mesmo. Em seguida, lembre-se de uma pessoa com quem você deveria ser mais amoroso. Como você pode estender alguns desses gestos de bondade a essa pessoa?

6 ROMANOS 14

VIVENDO SEGUNDO AS LEIS DE OUTRA PESSOA

NÃO JULGUE O SERVO ALHEIO

ROMANOS 14.1-4

1 Aceitem o que é fraco na fé, sem discutir assuntos controvertidos. 2 Um crê que
pode comer de tudo; já outro, cuja fé é fraca, come apenas alimentos vegetais.
3 Aquele que come de tudo não deve desprezar o que não come, e aquele que não
come de tudo não deve condenar aquele que come, pois Deus o aceitou. 4 Quem é
você para julgar o servo alheio? É para o seu senhor que ele está em pé ou cai. E
ficará em pé, pois o Senhor é capaz de o sustentar.

Paulo dá um longo exemplo do que significa, na prática, andar segundo o amor. Trata-se das relações entre dois grupos da comunidade cristã em Roma: os fracos e os fortes. Paulo refere-se a uma fraqueza que não é de vontade nem de caráter, mas de fé. Não devemos imaginar um cristão vulnerável vencido facilmente pela tentação, mas um cristão sensível cheio de indecisão e escrúpulos. O que falta ao fraco não é a força do domínio próprio, mas liberdade de consciência.

A identificação mais satisfatória dos “fracos” em Roma é que eram, na maioria, cristãos judeus, cuja fraqueza consistia em seu contínuo compromisso com as leis judaicas referentes à dieta e aos dias. Vital para a estratégia de Paulo é sua insistência de que, por uma perspectiva evangélica, as questões relacionadas à dieta e aos dias não são essenciais. As questões romanas eram “assuntos

controvertidos", com os quais não era necessário que todos os cristãos concordassem.

Paulo estabelece um princípio fundamental: "Aceitem o que é fraco na fé". Não há tentativa alguma de esconder ou disfarçar que esses irmãos são fracos na fé – aqui no sentido de "convicção" –, imaturos, sem instrução e, na verdade, confusos. Contudo, por causa disso, eles não devem ser ignorados nem censurados, nem – pelo menos, nesse estágio – corrigidos, mas, sim, recebidos na comunhão. Tal aceitação significa acolher na comunhão e no coração. Implica o calor e a bondade do amor genuíno. E "sem discutir assuntos controvertidos". Nossa acolhida deve incluir respeito pelas opiniões de outros cristãos.

Paulo escolhe a questão da dieta como sua primeira ilustração de como os fracos e os fortes, os temerosos e os livres, devem se comportar uns com os outros. O cristão fraco não é vegetariano por princípio ou por questões de saúde, mas porque a única forma infalível de assegurar que nunca comerá carne não kosher é não comer carne de espécie alguma. A razão pela qual é errado desprezar ou condenar os irmãos cristãos é que "Deus [os] aceitou". Como temos coragem de rejeitar uma pessoa que Deus aceitou? Na verdade, a melhor maneira de determinar qual deveria ser nossa atitude para com outras pessoas é determinar a atitude de Deus para com elas.

Se é inapropriado rejeitar alguém a quem Deus acolheu, é, no mínimo, tão inapropriado quanto interferir na relação entre senhor e servo. Não temos o direito de nos colocar entre um irmão cristão e Cristo, ou usurpar a posição de Cristo na vida do cristão. "É para o seu senhor que ele está em pé ou cai." Ele não é responsável por nós, nem somos responsáveis por ele. "E ficará em pé, pois o Senhor é capaz de o sustentar." Deus o aprova, quer aprovemos ou não esse irmão.

PERTENCEMOS AO SENHOR

ROMANOS 14.5-9

5Há quem considere um dia mais sagrado que outro; há quem considere iguais
todos os dias. Cada um deve estar plenamente convicto em sua própria mente.
6Aquele que considera um dia como especial, para o Senhor assim o faz. Aquele
que come carne, come para o Senhor, pois dá graças a Deus; e aquele que se
abstém, para o Senhor se abstém, e dá graças a Deus. 7Pois nenhum de nós vive
apenas para si, e nenhum de nós morre apenas para si. 8Se vivemos, vivemos
para o Senhor; e, se morremos, morremos para o Senhor. Assim, quer vivamos,
quer morramos, pertencemos ao Senhor. 9Por esta razão Cristo morreu e voltou a
viver, para ser Senhor de vivos e de mortos.

Paulo agora desenvolve sua segunda ilustração das relações entre os fortes e os fracos. Trata-se da observância ou não observância de dias especiais, presumivelmente festivais judaicos, quer festas ou jejuns, e se eram semanais, mensais ou anuais. Partindo do princípio de que tanto os fracos como os fortes refletiram na questão e chegaram a uma firme decisão, eles considerarão sua prática como parte de seu discipulado cristão, com a intenção de agradar e honrar ao Senhor.

Quer a pessoa observe dias especiais ou considere iguais todos os dias, quer coma [carne] ou se abstenha de comê-la, os mesmos princípios se aplicam. Se somos capazes de receber algo de Deus com ação de graças, como sua dádiva para nós, então podemos devolvê-lo como nosso serviço a ele. Os dois movimentos, dele para conosco e nosso para com ele, estão unidos e são aspectos vitais de nosso discipulado cristão. Ambos são testes valiosos e práticos. “Posso agradecer a Deus por isso? Posso fazer isso para o Senhor?”

Esse reconhecimento do Senhor em nossa vida aplica-se a toda situação. Pois nenhum de nós vive sozinho, e nenhum de nós morre sozinho. Pelo contrário, “se [isto é, ‘enquanto’] vivemos, vivemos para o Senhor; e, se [isto é, ‘quando’) morremos, morremos para o Senhor. Assim, quer vivamos, quer morramos,

pertencemos ao Senhor”. Vida e morte são vistas como partes que constituem a soma total de nossa existência humana. Enquanto continuarmos a viver na terra e quando, pela morte, começarmos a vida do céu, tudo o que temos e somos pertence ao Senhor Jesus e deve, portanto, ser vivido para sua honra e glória.

Por que é assim? Aqui está a resposta de Paulo. “Por esta razão Cristo morreu e voltou a viver, para ser Senhor de vivos e de mortos”. É maravilhoso que o apóstolo eleve a questão trivial de nossas relações mútuas na comunidade cristã ao alto nível teológico da morte, ressurreição e consequente senhorio universal de Jesus. Uma vez que ele é nosso Senhor, devemos viver para ele. Uma vez que ele também é Senhor de nossos irmãos cristãos, devemos respeitar o relacionamento deles com ele e cuidar de nossa própria vida. Pois ele morreu e ressuscitou para ser Senhor.

SEM PEDRAS DE TROPEÇO

ROMANOS 14.10-13

10 Portanto, você, por que julga seu irmão? E por que despreza seu irmão? Pois
todos compareceremos diante do tribunal de Deus. 11 Porque está escrito: “‘Por
mim mesmo jurei’, diz o Senhor, ‘diante de mim todo joelho se dobrará e toda
língua confessará que sou Deus’”. 12 Assim, cada um de nós prestará contas de si
mesmo a Deus. 13 Portanto, deixemos de julgar uns aos outros. Em vez disso,
façamos o propósito de não colocar pedra de tropeço ou obstáculo no caminho
do irmão.

Depois de escrever sobre os fortes e os fracos, os que observam certas práticas e os abstêmios, os vivos e os mortos, em termos muito gerais e impessoais, Paulo, subitamente, faz duas perguntas diretas nas quais confronta um (“você”) com o outro (“seu irmão”). Quer estejamos pensando nos fracos com todos os seus medos e dúvidas tediosas, ou nos fortes com todas as suas liberdades e

convicções impetuosas, eles são nossos irmãos. Estamos ligados uns aos outros da maneira mais forte possível, por laços de família. Quando nos lembramos disso, nossa atitude para com eles se torna cada vez menos crítica e impaciente, e cada vez mais generosa e compassiva.

Não devemos julgar, porque seremos julgados. O que é proibido aos seguidores de Jesus não é a crítica, mas a censura, “julgar” no sentido de condenar. A razão é que nós mesmos, um dia, estaremos perante o Juiz. Em outras palavras, não temos autorização para subir nessa tribuna, colocar nosso próximo no banco dos réus e começar a julgar e pronunciar a sentença, porque somente Deus é juiz, e nós não somos. Seremos drasticamente lembrados desse fato quando os papéis estiverem invertidos.

Para confirmar isso, Paulo cita Isaías 45.23. A ênfase está na universalidade da jurisdição de Deus, no sentido de que “todo joelho” e “toda língua” prestarão homenagem a ele. “Cada um de nós” individualmente, não todos nós em uma multidão, “prestará contas de si mesmo”, não de outras pessoas, “a Deus”. Uma vez que Deus é o Juiz e nós estamos entre os julgados, “deixemos de julgar uns aos outros”, pois assim evitaremos a extrema estupidez de tentar usurpar a prerrogativa de Deus e antecipar o dia do juízo.

A principal ênfase de Paulo está na responsabilidade cristã dos fortes em relação aos fracos. Passando do modo como os fortes devem considerar os fracos, o argumento de Paulo passa para o modo como eles devem tratá-los, ou seja, de atitudes (não os desprezando ou condenando) para ações (não fazendo com que tropecem ou os destruindo).

O julgamento que devemos fazer ou decisão que devemos tomar é evitar um obstáculo ou um laço no caminho de qualquer irmão e, com isso, fazê-lo tropeçar e cair.

JUSTIÇA, PAZ E ALEGRIA

ROMANOS 14.14-18

14 Como alguém que está no Senhor Jesus, tenho plena convicção de que nenhum
alimento é por si mesmo impuro, a não ser para quem assim o considere; para ele
é impuro. 15 Se o seu irmão se entristece devido ao que você come, você já não
está agindo por amor. Por causa da sua comida, não destrua seu irmão, por quem
Cristo morreu. 16 Aquilo que é bom para vocês não se torne objeto de
maledicência. 17 Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz
e alegria no Espírito Santo; 18 aquele que assim serve a Cristo é agradável a Deus
e aprovado pelos homens.

Os fortes têm plena convicção de que todos os alimentos são puros; por outro lado, os fracos têm plena convicção de que não são. Como os fortes deveriam se comportar quando duas consciências estão em conflito?

A resposta de Paulo é inequívoca. Embora os fortes estejam corretos, e ele tem a mesma convicção deles porque o Senhor Jesus a endossou, eles não devem menosprezar os escrúpulos dos fracos, impondo-lhes sua visão. Pelo contrário, devem se submeter à consciência dos mais fracos – mesmo que esteja errada – e não a violar ou fazer com que eles a violem. Eis a razão: “Se o seu irmão se entristece [sente tristeza e até dor] devido ao que você come”, não só porque o vê fazendo algo que ele desaprova, mas porque é induzido a seguir seu exemplo contra a própria consciência, “você já não está agindo por amor”, já não está trilhando o caminho do amor. Pois o amor nunca despreza consciências fracas. Em vez disso, o amor limita sua própria liberdade por respeito a elas.

Ferir a consciência de um irmão mais fraco não é apenas afligir, mas “destruir” essa pessoa, uma ação totalmente incompatível com o amor. A advertência de

Paulo é a de que os fortes que induzem os fracos a irem contra a própria consciência farão um grande mal ao discipulado cristão dos fracos. Ele exorta os fortes para que não causem tal dano aos fracos. “Aquilo que é bom [a liberdade que encontraram em Cristo] para vocês não se torne objeto de maledicência”, porque vocês o ostentam em detrimento dos fracos.

Se a cruz de Cristo é a primeira verdade teológica que reforça o apelo de Paulo aos fortes para que se contenham, o segundo é o reino de Deus, ou seja, o governo gracioso de Deus por meio de Cristo e pelo Espírito na vida de seu povo, trazendo uma salvação gratuita e exigindo uma obediência radical. Toda vez que os fortes insistem em usar a liberdade que têm para comer o que bem entendem, mesmo à custa do bem-estar dos fracos, eles estão superestimando a importância da dieta – que é trivial – e subestimando a importância do reino de Deus – que é central.

“Justiça, paz e alegria” inspiradas pelo Espírito às vezes são vistas como as condições subjetivas do que é justo, pacífico e alegre. Mas, no contexto mais amplo de Romanos, é mais natural vê-las como estados objetivos: justificação por meio de Cristo, paz com Deus e alegria na esperança da glória de Deus, das quais o próprio Espírito Santo é promessa e deleite antecipado.

PAZ E EDIFICAÇÃO

ROMANOS 14.19-21

19 Por isso, esforcemo-nos em promover tudo quanto conduz à paz e à edificação
mútua. 20 Não destrua a obra de Deus por causa da comida. Todo alimento é puro,
mas é errado comer qualquer coisa que faça os outros tropeçarem. 21 É melhor
não comer carne nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa que leve seu
irmão a cair.

Aqui Paulo repete, reforça e aplica o ensino sobre a proporção ou equilíbrio que apareceu anteriormente. A passagem contém três exortações.

Primeira, “esforcemo-nos em promover [literalmente, ‘sigamos, pois’] tudo quanto conduz à paz e à edificação mútua”. Paz aqui parece ser o shalom experimentado dentro da comunidade cristã, enquanto edificação significa edificar uns aos outros em Cristo. Este é o objetivo positivo que todos devem buscar e que os fortes estavam negligenciando na forma insensível como tratavam os fracos.

Segunda, “não destrua a obra de Deus por causa da comida”. A obra de Deus poderia se referir ao cristão mais fraco, mas, no contexto, parece se referir à comunidade cristã. Nossa responsabilidade é procurar edificar a comunidade, não o contrário. Paulo já usou a ironia para expor a incongruência de valorizar mais a comida do que a paz e a saúde de nosso estômago, mais do que a saúde da comunidade; agora ele faz isso outra vez. Você está realmente muito bem preparado, pergunta ele, para demolir a obra de Deus “por causa da comida”? Provavelmente houve alguns rostos envergonhados entre os fortes enquanto ouviam a leitura da carta de Paulo na assembleia. Seu sarcasmo sutil expunha a perspectiva distorcida deles. Eles teriam de reavaliar seus valores, deixar de insistir em suas liberdades à custa do bem-estar dos outros e colocar a cruz e o reino em primeiro lugar.

A terceira exortação de Paulo expressa um contraste entre dois tipos de comportamento. “Todo alimento é puro”, afirma, “mas é errado comer qualquer coisa que faça os outros tropeçarem”. Sendo assim, “é melhor não comer carne nem beber vinho [mencionado pela primeira vez aqui], nem fazer qualquer outra coisa que leve seu irmão a cair”. A declaração de que “todo alimento é puro” soa como o slogan dos fortes. E Paulo concorda com ela. Aqui está a verdade teológica que lhes dava liberdade para comer qualquer coisa que quisessem. Mas havia outros fatores a considerar que exigiriam que eles limitassem o exercício de sua liberdade. Em particular, havia o irmão mais fraco com a consciência

excessivamente sensível e escrupulosa, que tinha plena convicção de que nem todo alimento era puro.

Portanto, é errado que os fortes usem a liberdade que têm para prejudicar os fracos. Por outro lado, é bom que os fortes não comam carne e não bebam vinho, isto é, se tornem vegetarianos e totalmente abstêmios, e vão a qualquer outro extremo de renúncia, se necessário, para servir ao bem-estar dos fracos.

FAÇA TUDO O QUE PROVÉM DA FÉ

ROMANOS 14.22-23

22 Assim, seja qual for o seu modo de crer a respeito destas coisas, que isso permaneça entre você e Deus. Feliz é o homem que não se condena naquilo que aprova. 23 Mas aquele que tem dúvida é condenado se comer, porque não come com fé; e tudo o que não provém da fé é pecado.

Paulo conclui fazendo uma distinção entre fé e ação, isto é, entre convicção pessoal e comportamento público.

Na esfera particular, “seja qual for o seu modo de crer a respeito destas coisas”, quer você seja forte e creia que pode comer qualquer coisa, ou fraco e creia que não pode, “que isso permaneça entre você e Deus”; mantenha-o em segredo. Não há necessidade de ostentar nem impor suas opiniões a outras pessoas. Quanto ao comportamento público, há duas opções, representadas por um cristão forte e um fraco. O cristão forte é feliz porque sua consciência aprova que ele coma de tudo, de modo que ele pode seguir sua consciência sem ter sentimento de culpa. “Feliz é o homem que não se condena naquilo que aprova. Mas aquele que tem dúvida”, isto é, o cristão fraco que está cheio de receios porque sua consciência

dá sinais de vacilo, “é condenado se comer [provavelmente pela consciência, não por Deus], porque não come com fé; e tudo o que não provém da fé é pecado”.

O epigrama final de Paulo exalta a importância de nossa consciência. Embora não seja infalível, a consciência é, no entanto, sacrossanta, de modo que ir contra ela – agir de acordo com “o que não provém da fé” – é pecado. Ao mesmo tempo, ao lado dessa instrução explícita de que não devemos violar nossa consciência, há uma exigência implícita de que devemos instruí-la.

Como nos dias de Paulo, também hoje precisamos de discernimento cristão. Embora nem sempre seja fácil fazer a distinção entre o que é e o que não é essencial na doutrina e prática cristãs, aqui está um guia seguro. Verdades sobre as quais a Escritura fala com uma voz clara são essenciais. Toda vez que cristãos igualmente bíblicos, igualmente ansiosos por compreender a Escritura e obedecer a ela, chegam a conclusões diferentes, eles devem considerá-las como não sendo essenciais.

No que é fundamental, então, a fé é primária, e não podemos apelar ao amor como desculpa para negar a fé essencial. No que não é fundamental, o amor é primário. Nosso entusiasmo com a fé não é desculpa para falhas no amor. A fé instrui nossa própria consciência; o amor respeita a consciência dos outros. A fé dá liberdade; o amor limita o exercício da fé. Ninguém expressou melhor esta questão do que Rupertus Meldenius:

Nas coisas essenciais, unidade;

Nas não essenciais, liberdade;

Em todas as coisas, caridade.

GUIA PARA DISCUSSÃO

ROMANOS 14

PARA RESPONDER

Por quais coisas pequenas e não essenciais você vê os cristãos discutirem? Quais são os resultados?

PARA ESTUDAR

Leia Romanos 14.

Que “assuntos controvertidos” tinham o potencial de dividir os cristãos em Roma (v.1-8)?

Que princípios aqui nos ajudariam a adorar com cristãos que discordam de nós em questões que não são essenciais à fé?

Como você explicaria que é certo para um cristão se abster de carne por causa do serviço ao Senhor enquanto outro cristão pode comer a mesma carne e dar graças a Deus (v. 6-8)?

Se você pudesse dizer com outro cristão: “Quer vivamos ou morramos, pertencemos ao Senhor” (v. 8), como esta convicção afetaria seu modo de lidar com discórdias com essa pessoa? (Considere as informações nos v. 7-11.)

Paulo diz no versículo 7: “Nenhum de nós vive apenas para si”, mas, no versículo 12, ele diz: “Cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus”. Em que sentidos práticos você pode viver essa unidade e essa individualidade em sua igreja ou grupo de comunhão?

Por que um cristão pode seguir as leis de outra pessoa, ainda que essas leis sejam mais rigorosas do que as dele? (Baseie-se nos v. 13-23.)

De acordo com essa passagem, quais são algumas das coisas prejudiciais que podem acontecer se uma pessoa que é forte na fé se recusar a ceder em questões de consciência que não são essenciais?

Que danos você já viu como resultados de discórdias entre cristãos sobre questões menos importantes?

Estude o versículo 17. O que você vê aqui que poderia ajudá-lo a superar uma discórdia com outro cristão?

Os versículos 22-23 falam de liberdade e fé. Como você desfruta dessas coisas em sua experiência cristã?

PARA APLICAR

Quais são alguns de seus “assuntos controvertidos”, questões não essenciais em que alguns de seus amigos cristãos são mais rígidos do que você?

Ao discutir esses assuntos e colocá-los em prática, como você pode refletir os ensinos de Romanos 14?

Você está sendo muito restritivo em algumas áreas, forçando outros cristãos a se ajustarem às suas limitações?

Como você poderia começar a dar aos seus amigos liberdade e respeito em questões que não são centrais à fé cristã e, ainda assim, obedecer à sua consciência?

7 ROMANOS 15

UNIDADE, LIBERDADE E CARIDADE

EDIFIQUEMOS O PRÓXIMO

ROMANOS 15.1-4

[1]Nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar
a nós mesmos. [2]Cada um de nós deve agradar ao seu próximo para o bem dele, a
fim de edificá-lo. [3]Pois também Cristo não agradou a si próprio, mas, como está
escrito: “Os insultos daqueles que te insultam caíram sobre mim”. [4]Pois tudo o
que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio
da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a
nossa esperança.

Depois de se identificar como um dos “fortes”, Paulo apresenta a responsabilidade cristã dos fortes para com os fracos.

Primeiro, os fortes “[deveriam] suportar as fraquezas [literalmente ‘falhas’] dos fracos”. Pessoas fortes são, naturalmente, tentadas a exercer sua força para excluir ou subjugar os fracos. Paulo encoraja-as, em vez disso, a suportar os fracos. A força de uma pessoa pode compensar a fraqueza de outra.

Segundo, “nós, que somos fortes, devemos [...] não agradar a nós mesmos”. Ser

egocêntrico e buscar os próprios interesses é natural para nossa natureza humana caída. Mas não devemos usar nossa força para servir ao nosso próprio bem. Como argumentou Paulo, os cristãos com uma consciência forte não devem pisar na consciência dos fracos.

Terceiro, “cada um de nós deve agradar ao seu próximo para o bem dele, a fim de edificá-lo”. Agradar ao próximo, que é o que a Escritura ordena, não deve ser confundido com agradar às pessoas, que é o que a Escritura condena. Agradar às pessoas, normalmente o oposto de agradar a Deus, significa adulá-las com o intuito de ganhar a aprovação delas por meio de algum acordo imoral. Isso sempre é incompatível com a integridade e a sinceridade. Talvez seja para evitar esse possível mal-entendido que Paulo qualifique o apelo que nos faz para que agrademos ao nosso próximo com as palavras “para o bem dele, a fim de edificá-lo”. A edificação é uma alternativa construtiva para a demolição. E essa edificação dos fracos, sem dúvida, incluirá o intuito de ajudar a instruir e, assim, fortalecer a consciência deles.

Mas por que devemos agradar ao próximo e não a nós mesmos? Porque “Cristo não agradou a si próprio”. Embora tivesse o maior direito dentre todas as pessoas de agradar a si mesmo, ele se entregou ao serviço de seu Pai e dos seres humanos. Em vez de recorrer especificamente à encarnação ou a algum incidente da vida encarnada de Cristo, Paulo cita o Salmo 69, que descreve vividamente os sofrimentos injustos e irracionais de um justo, e que é citado como referência a Cristo quatro ou cinco vezes no Novo Testamento, sendo considerado uma profecia messiânica.

O cumprimento do Salmo 69.9 por Cristo leva Paulo a uma breve digressão sobre a natureza e o propósito da Escritura do Antigo Testamento. Não somente o Antigo Testamento pode nos ensinar coisas sobre a salvação, mas pode nos trazer “bom ânimo” com vistas à “perseverança”, para que “mantenhamos a nossa esperança”, olhando além do tempo para vermos a eternidade, além dos sofrimentos do momento para vermos a glória futura. O próprio Deus nos encoraja por meio da voz viva da Escritura. Pois Deus continua a falar por meio

daquilo que ele falou.

ACEITEM-SE UNS AOS OUTROS

ROMANOS 15.5-13

5 Deus que concede perseverança e ânimo dê-lhes um espírito de unidade,
segundo Cristo Jesus, 6 para que com um só coração e uma só voz vocês
glorifiquem ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. 7 Portanto, aceitem-se
uns aos outros, da mesma forma que Cristo os aceitou, a fim de que vocês
glorifiquem a Deus. 8 Pois eu lhes digo que Cristo se tornou servo dos que são da
circuncisão, por amor à verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos
patriarcas, 9 a fim de que os gentios glorifiquem a Deus por sua misericórdia,
como está escrito: "Por isso, eu te louvarei entre os gentios; cantarei louvores ao
teu nome". 10 E também diz: "Cantem de alegria, ó gentios, com o povo dele". 11 E
mais: "Louvem o Senhor, todos vocês, gentios; cantem louvores a ele todos os
povos". 12 E Isaías também diz: "Brotará a raiz de Jessé, aquele que se levantará
para reinar sobre os gentios; estes colocarão nele a sua esperança". 13 Que o Deus
da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele, para que
vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo.

A oração de Paulo nos versículos 5-6 dificilmente é um apelo para que os cristãos romanos cheguem a concordar uns com os outros com relação a todas as coisas, uma vez que Paulo fez um grande esforço para apelar aos fracos e aos fortes que se aceitassem mutuamente, a despeito da discórdia conscienciosa em questões secundárias. Portanto, é provável que seja uma oração para que tenham a mente unida nas coisas essenciais. Essa unidade de mente tem por objetivo envolver-nos na adoração comum de Deus. A ideia de uma só mente é expressa por meio de um só coração e uma só boca; na verdade, sem essa unidade de mente em relação a Cristo, é impossível a unidade de coração e de boca na adoração.

Com o versículo 8 Paulo passa quase imperceptivelmente da unidade dos fracos e dos fortes por meio de Cristo à unidade de judeus e gentios por meio do mesmo Cristo. Em ambos os casos, a unidade visa à adoração. Vê-se que o papel de Cristo como servo dos judeus, ou seja, como o Messias judeu, tem dois propósitos paralelos: primeiro, “para confirmar as promessas feitas aos patriarcas” e, segundo, para incluir os gentios também. O ministério de Cristo para com os judeus era “por amor à verdade de Deus”, para demonstrar sua fidelidade às promessas de sua aliança, enquanto seu ministério para com os gentios era “por sua misericórdia”. Foi por misericórdia aos gentios, como foi por fidelidade a Israel, que Cristo se tornou servo para o bem de ambos.

Paulo já expressou sua certeza de que as Escrituras nos trazem esperança. Agora ele expressa o desejo de sua oração para que “o Deus da esperança” faça com que os cristãos romanos “transbordem de esperança”. A esperança, sem dúvida, contempla o futuro. E, uma vez que Paulo acaba de citar a profecia de Isaías de que o Messias será o objeto da esperança dos gentios, temos uma dica em relação à esperança que ele tem em mente. Paulo aguarda ansiosamente o tempo em que a plenitude de Israel e dos gentios terá chegado e, em seguida, o clímax da história com a segunda vinda de Cristo e, depois, além dela, a glória do novo universo, a qual judeus e gentios herdarão juntos. Portanto, alegria, paz, fé e esperança são qualidades cristãs essenciais. Se a fé é o caminho para a alegria e a paz, a esperança que nos faz transbordar é consequência delas, e as quatro se devem ao poder do Espírito Santo dentro de nós.

EU ME GLORIO EM CRISTO

ROMANOS 15.14-19a

14 Meus irmãos, eu mesmo estou convencido de que vocês estão cheios de
bondade e plenamente instruídos, sendo capazes de aconselhar-se uns aos outros.
15 A respeito de alguns assuntos, eu lhes escrevi com toda a franqueza,
principalmente para fazê-los lembrar-se novamente deles, por causa da graça que
Deus me deu, 16 de ser um ministro de Cristo Jesus para os gentios, com o dever

sacerdotal de proclamar o evangelho de Deus, para que os gentios se tornem uma oferta aceitável a Deus, santificados pelo Espírito Santo. [17]Portanto, eu me glorio em Cristo Jesus, em meu serviço a Deus. [18]Não me atrevo a falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e em ação, a fim de levar os gentios a obedecerem a Deus, [19]pelo poder de sinais e maravilhas e por meio do poder do Espírito de Deus.

Paulo foi presunçoso ao se dirigir a uma igreja que não encontrou e nunca visitou? Ele deu a impressão de que, para ele, o cristianismo dos romanos é falho e imaturo? Ele expressa sua confiança em seus leitores. Mas, então, por que julgou necessário escrever-lhes como escreveu? Ele dá duas razões. Primeiro, "eu lhes escrevi com toda a franqueza, principalmente para fazê-los lembrar-se novamente [de alguns assuntos]". Aos apóstolos havia sido confiada a tarefa de formular o evangelho e lançar os fundamentos da fé. Consequentemente, eles continuaram a fazer as igrejas se lembrarem da mensagem original e a chamá-las de volta para ela. A segunda razão de Paulo para escrever dessa maneira tem a ver com seu ministério especial como apóstolo dos gentios. Embora não tenha se encontrado com a igreja em Roma, ele tem autoridade para ensinar seus membros por causa de sua vocação especial, somente pela graça de Deus, de ser o apóstolo dos gentios.

Em seguida, Paulo elabora a natureza de seu ministério. Muitos leitores se surpreendem quando ele diz que tem um "dever sacerdotal", mas seu vocabulário é inconfundível. Paulo considera seu trabalho missionário como um ministério sacerdotal, porque ele é capaz de oferecer seus gentios convertidos em sacrifício vivo para Deus. Não se trata de permitir que eles se ofereçam a Deus, pois é o próprio Paulo que apresenta o sacrifício. Embora os gentios estivessem excluídos do templo em Jerusalém e não tivessem permissão para participar da oferta de sacrifícios, agora, por meio do evangelho, eles mesmos se tornam uma oferta santa e aceitável a Deus.

Na descrição de Paulo, o objetivo de seu ministério é levar "os gentios a obedecerem a Deus". Sua ênfase aqui está na obediência, não na fé,

presumivelmente porque a obediência é a consequência indispensável da fé salvífica. Nesse ministério, Paulo se recusa a relatar suas próprias façanhas. Ele só se atreve a falar “daquilo que Cristo realizou por meu intermédio”. Paulo não se sente à vontade em pensar em si mesmo como parceiro de Cristo; ele prefere ser agente ou mesmo instrumento de Cristo, para que Cristo não trabalhe “com” ele, mas por “intermédio” dele.

Paulo refere-se às coisas que disse e fez, e ao poder de sinais e maravilhas, como sendo realizados no Espírito Santo. Contudo, os milagres físicos não são a única maneira pela qual o poder do Espírito se revela. Sua maneira usual dá-se por meio da Palavra de Deus. É ele que usa nossas palavras humanas pouco convincentes e as confirma com seu poder divino na mente, no coração, na consciência e na vontade dos ouvintes. Toda conversão é um encontro poderoso no qual o Espírito por meio do evangelho resgata e regenera pecadores.

UM MINISTÉRIO PIONEIRO

ROMANOS 15.19b-22

19 Assim, desde Jerusalém e arredores, até o Ilírico, proclamei plenamente o
evangelho de Cristo. 20 Sempre fiz questão de pregar o evangelho onde Cristo
ainda não era conhecido, de forma que não estivesse edificando sobre alicerce de
outro. 21 Mas antes, como está escrito: “Hão de vê-lo aqueles que não tinham
ouvido falar dele, e o entenderão aqueles que não o haviam escutado”. 22 É por
isso que muitas vezes fui impedido de chegar até vocês.

Paulo faz um resumo sucinto e modesto de dez anos de um trabalho apostólico árduo, incluindo suas três viagens missionárias heroicas. A expressão “e arredores” também poderia ser traduzida por “em um círculo” ou “em um circuito”. Assim é possível visualizar ou traçar em um mapa o círculo do evangelismo paulino em torno do Mediterrâneo Oriental. Isso não significa que

Paulo tenha saturado toda a área com o evangelho. Sua estratégia era evangelizar as cidades populosas e influentes e implantar igrejas lá, depois deixar para outros a radiação do evangelho para aldeias vizinhas.

Tendo traçado o vasto círculo que representa seus dez anos de trabalho missionário, Paulo continua a explicar a política pioneira consistente que está por trás dele. Paulo foi muito claro em outros textos quando disse que Cristo chama discípulos diferentes para tarefas diferentes e lhes concede dons diferentes a fim de prepará-los. O próprio chamado e dom de Paulo como apóstolo dos gentios foram para promover a evangelização do mundo gentílico, e depois deixar para os outros, especialmente aos líderes locais e residenciais, o cuidado pastoral das igrejas. Era de acordo com essa política que, de maneira positiva, ele evangelizaria somente “onde Cristo ainda não era conhecido” e, de maneira negativa, evitaria “[edificar] sobre alicerce de outro”.

Paulo já escreveu que muitas vezes havia planejado visitar os romanos, mas até aqui não havia conseguido fazer isso. Até então ele não havia revelado o que o impediu, mas agora ele revela. Tem a ver com sua política de missão. Por um lado, uma vez que estava se concentrando no evangelismo pioneiro em outro lugar, ele não estava livre para ir ao encontro dos romanos. Por outro, uma vez que a igreja romana não havia sido fundada por ele, não sentia liberdade para vir e ficar.

Paulo descobre que a Escritura valida sua política de ministério pioneiro. Ele cita Isaías, escrevendo sobre a missão do Servo do Senhor de espalhar muitas nações para que vejam e entendam o que não lhes foi dito até então. Paulo vê a profecia de Isaías se cumprir em Cristo, o verdadeiro Servo, a quem ele está proclamando para os não evangelizados.

PLANOS DE VIAGEM

ROMANOS 15.23-29

23 Mas agora, não havendo nestas regiões nenhum lugar em que precise trabalhar,
e visto que há muitos anos anseio vê-los, 24 planejo fazê-lo quando for à Espanha.
Espero visitá-los de passagem e dar-lhes a oportunidade de me ajudarem em
minha viagem para lá, depois de ter desfrutado um pouco da companhia de
vocês. 25 Agora, porém, estou de partida para Jerusalém, a serviço dos santos.
26 Pois a Macedônia e a Acaia tiveram a alegria de contribuir para os pobres
dentre os santos de Jerusalém. 27 Tiveram prazer nisso, e de fato são devedores
aos santos de Jerusalém. Pois, se os gentios participaram das bênçãos espirituais
dos judeus, devem também servir aos judeus com seus bens materiais. 28 Assim,
depois de completar essa tarefa e de ter a certeza de que eles receberam esse
fruto, irei à Espanha e visitarei vocês de passagem. 29 Sei que, quando for visitá-
los, irei na plenitude da bênção de Cristo.

Paulo agora examina o futuro e confidencia aos romanos seus planos de viagem. Ele especifica três destinos. Se ele fosse fazer todas essas viagens de navio, a primeira seria de, pelo menos, 1.288 quilômetros; a segunda, de 2.414 quilômetros e a terceira, de 1.127 quilômetros, formando um total mínimo de quase 4.830 quilômetros, e muito mais se quisesse fazer parte do trajeto por terra, não pelo mar. Quando refletimos nas incertezas e perigos das viagens antigas, o modo quase despreocupado com que Paulo anuncia sua intenção de realizar essas três viagens é extraordinário.

Ele planeja visitar Roma. Agora, finalmente, o tempo parece oportuno para sua visita há muito aguardada e há muito adiada. Ao escrever que “não [há] nestas regiões nenhum lugar em que precise trabalhar”, ele quer dizer que não há mais espaço na Grécia e nos arredores para seu ministério pioneiro de implantação de igrejas. Ele também passou a ver sua visita a Roma como um ponto de partida para a Espanha. Talvez Paulo espere estabelecer uma relação contínua com os cristãos em Roma, para que continuem a sustentá-lo. Mas, antes de partir para Roma, Paulo tem outra viagem para fazer.

Ele planeja visitar Jerusalém. Já está a caminho para aceitar uma oferta de cristãos na Macedônia e na Acaia para os irmãos necessitados em Jerusalém. Paulo havia concebido e iniciado esse projeto de oferta voluntária. É claro que ele via a grande importância desse projeto, como podemos ver, em parte, no espaço considerável que dedicou a ele em suas cartas; em parte, no zelo apaixonado com o qual o promoveu e, em parte, em sua surpreendente decisão de somar quase 3.220 quilômetros à sua viagem para entregar a oferta em pessoa. Esse "fruto" (contribuição) era, na realidade, uma dívida. "Pois, se os gentios participaram das bênçãos espirituais dos judeus, devem também servir aos judeus com seus bens materiais."

Ele planeja visitar a Espanha. Essa esperança está de acordo com a política de missão pioneira de Paulo. Colônias romanas já estavam se desenvolvendo na Espanha. É possível que Paulo tivesse olhado para além da Espanha e visto os limites do império romano, a Gália e a Alemanha e até mesmo a Grã-Bretanha? Se ele alcançou e evangelizou a Espanha, provavelmente nunca saberemos.

Enquanto se prepara mentalmente para sua visita a Roma, Paulo está cheio de convicção. Não há necessidade de detectar arrogância em sua declaração de que "sei que, quando for visitá-los, irei na plenitude da bênção de Cristo". A confiança de Paulo não está em si mesmo, mas em Cristo. É evidente que, ao pedir as orações deles, ele não está confiando em si mesmo. Ele conhece suas fraquezas, sua vulnerabilidade. Mas ele também conhece a bênção de Cristo.

UNAM-SE A MIM EM MINHA LUTA

ROMANOS 15.30-33

30 Recomendo-lhes, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do
Espírito, que se unam a mim em minha luta, orando a Deus em meu favor.
31 Orem para que eu esteja livre dos descrentes da Judeia e que o meu serviço em

Jerusalém seja aceitável aos santos, [32]de forma que, pela vontade de Deus, eu os visite com alegria e juntamente com vocês desfrute de um período de refrigério. [33]O Deus da paz seja com todos vocês. Amém.

Quase no início de sua carta, Paulo assegurou aos cristãos romanos que estava constantemente orando por eles. Por isso, é perfeitamente apropriado que ele agora lhes peça para orar por ele. Ele se refere à oração como uma "lutá. É bem possível que ele esteja pensando em nossa necessidade de lutar contra os poderes e autoridades das trevas. No entanto, ele não especifica nenhum adversário contra o qual devemos lutar. Pode ser que ele esteja simplesmente representando a oração como uma atividade que exige grande esforço, uma luta com nós mesmos, na qual procuramos nos alinhar com a vontade de Deus.

Paulo pede as orações deles por suas visitas a Jerusalém e Roma. Em relação a Jerusalém, ele menciona dois temas para as orações, que se referem a cristãos e incrédulos, respectivamente. Ele pede aos romanos que se juntem a ele em oração, pedindo sua proteção e livramento de seus adversários. Ele também se dá conta de que os cristãos em Jerusalém podem ter dificuldade para aceitar a oferta de cristãos gentios. Ao aceitarem a dádiva de Paulo, os líderes cristãos judeus seriam vistos como homens que endossavam o evangelho de Paulo e seu aparente desrespeito pela lei e tradições judaicas. Contudo, se sua oferta fosse rejeitada, isso poderia fazer com que a brecha entre cristãos judeus e gentios aumentasse de maneira irrevogável. Portanto, Paulo anseia que a solidariedade entre judeus e gentios no corpo de Cristo seja fortalecida pela aceitação do símbolo tangível dessa solidariedade por parte dos cristãos judeus.

Paulo agora pede oração também por sua visita a Roma. Na verdade, ele vê as duas visitas como coisas inseparáveis. Independentemente de como seja recebido em Jerusalém, ele prevê que, depois disso, precisará da alegria e do refrigério que a comunhão com os cristãos romanos trará.

A referência de Paulo à vontade de Deus em relação à oração é muito

significativa. A oração, de modo enfático, não tem por objetivo inclinar a vontade de Deus à nossa, mas, sim, alinhar nossa vontade à dele. A promessa de que nossas orações serão respondidas está condicionada à nossa atitude de pedir segundo a vontade de Deus. Consequentemente, toda oração que fazemos deveria ser uma variação sobre o tema “seja feita a tua vontade”.

Portanto, a oração é uma atividade cristã essencial, e é bom pedirmos às pessoas que orem por nós e conosco, como Paulo fez. Mas não existe nada automático em relação à oração. Orar não é como usar uma máquina que funciona com moedas ou um caixa eletrônico. A luta envolvida na oração está no processo de chegar a discernir a vontade de Deus e de desejá-la acima de todas as demais coisas. Assim, Deus agirá em todas as coisas de modo providencial, segundo sua vontade, pela qual oramos.

GUIA PARA DISCUSSÃO

ROMANOS 15

PARA RESPONDER

Quando você teve o prazer de ser uma pequena parte de algo muito maior que, do contrário, não conseguiria realizar sozinho?

PARA ESTUDAR

Leia Romanos 15.

O texto de Romanos 15.1 começa com “nós, que somos fortes [...]”. Que responsabilidades os cristãos que são fortes na fé têm para com os cristãos mais fracos (v. 1-7)?

Por que nos é dito que devemos agradar ao nosso próximo, não a nós mesmos (v. 3-4)?

Paulo oferece uma oração pelos cristãos romanos nos versículos 5-6 e, em seguida, instruções no versículo 7. De acordo com esses versículos, como é uma igreja saudável?

Que conexões você vê entre relações humanas saudáveis e a adoração?

Note quantas vezes Paulo menciona “gentios” nos versículos 8-11. Qual é o objetivo dessa repetição?

Concentre-se na oração de bênção feita por Paulo no versículo 13. Nessa oração, o que você deseja para si mesmo?

Descreva a missão que Deus deu a Paulo (v. 15-16).

O que você vê no ministério de Paulo que gostaria de imitar em seu próprio trabalho para Deus? (Considere a atitude e as realizações de Paulo.)

Por que Paulo foi para Jerusalém (v. 26-29)?

Que princípios sobre a relação entre cristãos – mesmo aqueles separados por questões de distância e ideologia – são sugeridos pela missão generosa de Paulo em Jerusalém?

Que instruções para orar Paulo dá aos seus leitores romanos (v. 30-33)?

Que princípios para orar você pode reunir a partir dessas breves instruções?

PARA APLICAR

Com quem você mais precisa colocar em prática os princípios de unidade, liberdade e caridade descritos anteriormente?

Que medidas você pode tomar nesse sentido?

Como sua própria adoração pode refletir (ou reflete) a unidade e a diversidade de outros cristãos?

8 ROMANOS 16

MANTENDO OS AMIGOS

PALAVRAS DE RECOMENDAÇÃO

ROMANOS 16.1-5a

[1]Recomendo-lhes nossa irmã Febe, serva da igreja em Cencreia. [2]Peço que a
recebam no Senhor, de maneira digna dos santos, e lhe prestem a ajuda de que
venha a necessitar; pois tem sido de grande auxílio para muita gente, inclusive
para mim. [3]Saúdem Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus.
[4]Arriscaram a vida por mim. Sou grato a eles; não apenas eu, mas todas as
igrejas dos gentios. [5]Saúdem também a igreja que se reúne na casa deles.

No final de sua carta Paulo envia saudações a 26 indivíduos, dos quais 24 ele cita, incluindo, na maioria dos casos, uma referência pessoal elogiosa. Febe é a primeira a ser mencionada. É provável que a ela tenha sido confiada a responsabilidade de levar a carta de Paulo ao seu destino em Roma, embora outros negócios, ao que parece, estivessem levando-a para a cidade também. Assim, ela precisava levar consigo uma carta de recomendação, a qual iria apresentá-la aos cristãos em Roma. Tais cartas eram comuns no mundo antigo e necessárias para proteger as pessoas dos impostores. Em sua carta de recomendação de Febe, Paulo pede aos irmãos da igreja romana “que a recebam no Senhor”, oferecendo-lhe uma acolhida cristã digna e hospitaleira, e “lhe prestem a ajuda de que venha a necessitar” como uma estrangeira na capital, provavelmente em relação aos outros negócios dela. Febe era, evidentemente, uma mulher de recursos que havia usado sua riqueza para manter a igreja e o apóstolo.

Paulo também cumprimenta Priscila e Áquila, e a igreja que se encontra na casa deles. Priscila e Áquila viveram na Itália até que o imperador Cláudio expulsou os judeus de Roma, em 49 depois de Cristo. Então, eles se mudaram para Corinto, onde Paulo os conheceu. Paulo trabalhou com eles na construção de tendas, um negócio que eles tinham, e eles viajaram com ele para Éfeso, que é, talvez, onde "arriscaram a vida" por ele. Provavelmente após a morte de Cláudio, em 54 depois de Cristo, eles voltaram para Roma, onde receberam a saudação de Paulo. Talvez um número de outros refugiados judeus e judeo-cristãos vindos de Roma tenha conhecido Paulo durante o exílio e voltado para Roma depois que o decreto de Cláudio foi anulado.

Refletindo sobre os nomes e circunstâncias das pessoas que Paulo saúda, devemos notar a unidade e a diversidade da igreja em Roma.

AMADOS IRMÃOS NO SENHOR

ROMANOS 16.5b-10

5 Saúdem meu amado irmão Epêneto, que foi o primeiro convertido a Cristo na
província da Ásia. 6 Saúdem Maria, que trabalhou arduamente por vocês.
7 Saúdem Andrônico e Júnias, meus parentes que estiveram na prisão comigo.
São notáveis entre os apóstolos, e estavam em Cristo antes de mim. 8 Saúdem
Amplíato, meu amado irmão no Senhor. 9 Saúdem Urbano, nosso cooperador em
Cristo, e meu amado irmão Estáquis. 10 Saúdem Apeles, aprovado em Cristo.
Saúdem os que pertencem à casa de Aristóbulo.

Os cristãos romanos diversificavam-se em termos de raça, posição e gênero. Quanto à raça, já sabemos que a igreja em Roma tinha membros judeus e gentios, e isso é confirmado pela lista de Paulo. Certamente, Áquila e Priscila

eram cristãos judeus, e Paulo também se refere a “meus patrícios judeus” (NTLH). Mas é igualmente claro que outros em sua lista eram gentios.

O status social dos amigos romanos de Paulo é incerto. Por um lado, as inscrições indicam que alguns nomes eram comuns para escravos. Por outro, alguns, pelo menos, eram pessoas livres, e outros tinham ligações com pessoas distintas. Contudo, o aspecto mais interessante e instrutivo da diversidade da igreja em Roma é o do gênero. Nove das vinte e seis pessoas saudadas são mulheres, e muitas delas são recomendadas como boas obreiras no serviço do Senhor. O lugar proeminente ocupado por mulheres na comitiva de Paulo mostra que ele não era nem um pouco o machista do imaginário popular.

Andrônico e Júnias talvez fossem marido e mulher, sobre quem Paulo nos diz quatro coisas: eles são seus patrícios judeus; foram, em algum momento, seus companheiros de prisão; converteram-se antes dele e “são notáveis entre os apóstolos”. Em que sentido Paulo usa o termo apóstolo? Na maioria das vezes, o Novo Testamento aplica a palavra aos doze apóstolos de Cristo. Com menos frequência o termo designa “os apóstolos das igrejas”. Esse deve ter sido um grupo consideravelmente maior, enviado pelas igrejas como aquilo que chamaríamos de missionários. É nesse sentido que Andrônico e Júnias eram missionários notáveis.

Além da diversidade de raça, posição e gênero na igreja romana, ela experimentou uma unidade profunda que transcendeu suas diferenças.

SAÚDEM UNS AOS OUTROS

ROMANOS 16.11-16

[11]Saúdem Herodião, meu parente. Saúdem os da casa de Narciso, que estão no Senhor. [12]Saúdem Trifena e Trifosa, mulheres que trabalham arduamente no Senhor. Saúdem a amada Pérside, outra que trabalhou arduamente no Senhor. [13]Saúdem Rufo, eleito no Senhor, e sua mãe, que tem sido mãe também para mim. [14]Saúdem Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos que estão com eles. [15]Saúdem Filólogo, Júlia, Nereu e sua irmã, e também Olimpas e todos os santos que estão com eles. [16]Saúdem uns aos outros com beijo santo. Todas as igrejas de Cristo enviam-lhes saudações.

A lista de saudações de Paulo contém várias indicações da unidade fundamental do povo de Deus. Três vezes ele descreve seus amigos como estando “em Cristo” e cinco vezes, “no Senhor”. Duas vezes ele usa a linguagem familiar de “irmã” e “irmãos”. Além disso, ele se refere às pessoas como “amados irmãos”. Ele também menciona duas experiências que fortalecem a unidade cristã: ser companheiros na obra e no sofrimento.

Como a unidade da igreja romana na diversidade era exibida na prática? Sabemos que os cristãos se reuniam em casas ou igrejas domésticas. Não podemos pressupor que se reunissem de acordo com o gênero ou posição, de modo que houvesse igrejas domésticas para homens e mulheres, para escravos e livres. E quanto à raça? Seria compreensível se cristãos judeus e cristãos gentios, e especialmente os fracos e os fortes, quisessem se reunir com seu próprio povo, porque cultura e costumes são um cimento sólido para a comunhão. Mas eles se reuniram? Penso que não. Tolerar a divisão étnica nas igrejas domésticas romanas seria totalmente incompatível com o argumento que Paulo sustenta nos capítulos 14–15. Como os membros da igreja poderiam aceitar uns aos outros, e como poderiam glorificar a Deus juntos, se adorassem em diferentes igrejas domésticas, segregadas em termos étnicos? Tal arranjo seria contrário à unidade da igreja na diversidade.

Paulo conclui sua lista de saudações individuais com duas proposições universais. A primeira é que, embora apenas alguns deles tenham sido saudados pelo nome, todos devem “[saudar] uns aos outros com beijo santo”. A lógica é

que nossa saudação verbal precisa ser confirmada por um gesto visível e tangível, embora a forma que o “beijo” deve assumir variará de acordo com a cultura.

Segue a segunda proposição universal de Paulo: “Todas as igrejas de Cristo enviam-lhes saudações”. Como ele pode falar em nome de todas as igrejas? Isso é mera retórica? Não, ele provavelmente está escrevendo de modo representativo. Uma vez que ele está prestes a viajar para Jerusalém, sabemos que aqueles designados pelas igrejas para levar e entregar a oferta acabaram de se reunir em Corinto. Talvez ele tenha lhes perguntado se poderia enviar saudações das igrejas deles a Roma.

A unidade na diversidade é tão vital hoje quanto o foi na igreja em Roma. É claro que as pessoas gostam de adorar com os que são iguais a elas, como nos lembram os especialistas em crescimento de igrejas, e talvez seja necessário levar em conta diferentes idiomas, a barreira mais assustadora de todas. Mas a heterogeneidade faz parte da essência da igreja, uma vez que é a única comunidade no mundo em que Cristo derrubou todos os muros de divisão.

CUIDADO COM AS DIVISÕES

ROMANOS 16.17-20

17 Recomendo-lhes, irmãos, que tomem cuidado com aqueles que causam
divisões e colocam obstáculos ao ensino que vocês têm recebido. Afastem-se
deles. 18 Pois essas pessoas não estão servindo a Cristo, nosso Senhor, mas a seus
próprios apetites. Mediante palavras suaves e bajulação, enganam o coração dos
ingênuos. 19 Todos têm ouvido falar da obediência de vocês, por isso estou muito
alegre; mas quero que sejam sábios em relação ao que é bom, e sem malícia em
relação ao que é mau. 20 Em breve o Deus da paz esmagará Satanás debaixo dos
pés de vocês. A graça de nosso Senhor Jesus seja com vocês.

Para alguns, a transição que Paulo faz de saudações para advertências é muito abrupta e o tom de sua admoestação tão áspero a ponto de ser inconsistente com o restante de sua carta, especialmente quando consideramos o modo gentil com que trata os fracos. Mas é compreensível que a mente de Paulo passe da unidade da igreja romana na diversidade para a ameaça daqueles que estão provocando divisões.

Paulo faz um apelo triplo: à vigilância, à separação e ao discernimento.

Algumas “divisões” são inevitáveis, como as causadas pela lealdade a Cristo, e o mesmo acontece com alguns “obstáculos”, especialmente a pedra de tropeço da cruz. Paulo exorta os romanos a tomarem cuidado com pessoas que causam uma dessas duas coisas ao contradizerem o ensino dos apóstolos. Ele dá como certo, mesmo nesse início da história da igreja, que há uma norma doutrinária e ética que os romanos devem seguir.

Paulo pede separação daqueles que se afastam deliberadamente da fé apostólica. É impossível aproximar-se deles com um beijo santo, mas, sim, é preciso permanecer distante e até se separar. “Pois essas pessoas não estão servindo a Cristo, nosso Senhor, mas a seus próprios apetites”, literalmente, “seu próprio estômago”, uma metáfora explícita da satisfação dos próprios desejos. Esses falsos mestres não têm amor por Cristo e não desejam ser servos voluntários dele. Em vez disso, são egocêntricos e têm um efeito nocivo sobre os crédulos.

Paulo também exorta os romanos a crescerem no discernimento. De modo geral, ele está satisfeito com a obediência deles. Mas há dois tipos de obediência, a cega e a que discerne, e ele anseia que eles desenvolvam a segunda. Ser “[sábio] em relação ao que é bom” é reconhecer, amar e seguir o que é bom. Com relação ao mal, entretanto, Paulo quer que eles sejam tão puros a ponto de evitarem qualquer experiência com o mal.

Aqui, então, estão três testes valiosos para serem aplicados em diferentes sistemas de doutrina e ética: bíblico, cristológico e moral. Podemos colocá-los na forma de perguntas sobre qualquer tipo de ensino com o qual nos depararmos. Ele está de acordo com a Escritura? Glorifica o Senhor Cristo? Promove a bondade?

Paulo acrescenta uma garantia à sua advertência. Ele quer que os cristãos romanos saibam que não há dúvida alguma quanto ao triunfo final do bem sobre o mal. Ele detecta a estratégia de Satanás por trás da atividade dos falsos mestres, e está convencido de que o diabo será derrubado. Pode parecer estranho que, neste contexto, Paulo se refira ao “Deus da paz”, uma vez que desfrutar da paz e esmagar Satanás não parecem compatíveis. Mas a paz de Deus não permite conciliação alguma com o diabo. É somente por meio da destruição do mal que a verdadeira paz pode ser alcançada. E essa vitória é impossível sem “a graça de nosso Senhor Jesus”.

SAUDAÇÕES AOS ROMANOS

ROMANOS 16.21-23

21 Timóteo, meu cooperador, envia-lhes saudações, bem como Lúcio, Jasom e
Sosípatro, meus parentes. 22 Eu, Tércio, que redigi esta carta, saúdo vocês no
Senhor. 23 Gaio, cuja hospitalidade eu e toda a igreja desfrutamos, envia-lhes
saudações. Erasto, administrador da cidade, e nosso irmão Quarto enviam-lhes
saudações.

Tendo enviado suas saudações pessoais a 26 indivíduos em Roma, Paulo agora transmite as mensagens de oito pessoas identificadas que estão com ele em Corinto. Ele começa com um nome bastante conhecido, seguido por três

aparentemente desconhecidos.

Se alguém merecia ser chamado de “cooperador” de Paulo, esse alguém era Timóteo. Durante os últimos oito anos, Timóteo havia sido constante companheiro de viagem de Paulo e realizado várias missões a pedido de Paulo. O apóstolo, evidentemente, tinha uma afeição calorosa por seu jovem assistente. Tendo-o levado a Cristo, Paulo o tinha como filho na fé. Ele estava agora em Corinto, prestes a embarcar para Jerusalém com a oferta das igrejas gregas.

De seu cooperador, Paulo passa para três de seus patrícios judeus [NTLH]. Não podemos, com certeza, identificar nenhum deles, embora muitas suposições tenham sido feitas, algumas mais plausíveis do que outras. É tentadora a ideia de identificar Lúcio como o evangelista Lucas, uma vez que sabemos por meio de uma de suas intrigantes passagens em que usa o pronome “nós”, em Atos, que ele estava em Corinto na época. O único problema é que Lucas era um gentio. Mas, então, a expressão “meus patrícios judeus” [NTLH] poderia se referir apenas a Jasom e Sosípatro.

Esse Jasom poderia facilmente ser o Jasom que havia sido senhorio de Paulo em Tessalônica, e Sosípatro poderia ser o representante da igreja bereana em Jerusalém, cujo nome foi abreviado para Sópatro, pois ele também estava em Corinto na época.

Nesse momento Paulo permite que seu escriba, a quem foi ditando esta carta, escreva a própria saudação.

Em seguida vem uma mensagem de Gaio, o anfitrião de Paulo em Corinto. Vários homens de nome Gaio aparecem no Novo Testamento, pois era um nome comum. Seria natural, no entanto, identificar esse homem com o coríntio a quem Paulo batizou. Alguns estudiosos sugeriram ainda que seu nome romano

completo era Gaio Tício Justo; nesse caso, ele tinha uma casa grande ao lado da sinagoga, na qual acolheu Paulo depois que os judeus rejeitaram o evangelho dele. É compreensível que Paulo voltasse a ser convidado na casa dele e que a igreja também se reunisse nessa casa.

Outras duas pessoas completam a série de mensagens de Corinto. Erasto era um responsável funcionário do governo local, e Quarto é identificado apenas como "nosso irmão".

Seria um erro tratar superficialmente esta parte de Romanos como uma mera lista de nomes. A lista de Paulo com o nome dos que enviam ou recebem saudações representa a comunhão cristã que transpõe distâncias geográficas e culturais.

GLÓRIA A DEUS POR MEIO DE JESUS

ROMANOS 16.25-27

25 Ora, àquele que tem poder para confirmá-los pelo meu evangelho e pela
proclamação de Jesus Cristo, de acordo com a revelação do mistério oculto nos
tempos passados, 26 mas agora revelado e dado a conhecer pelas Escrituras
proféticas por ordem do Deus eterno, para que todas as nações venham a crer
nele e a obedecer-lhe; 27 sim, ao único Deus sábio seja dada glória para todo o
sempre, por meio de Jesus Cristo. Amém.

Praticamente não é acidental o fato de Romanos começar e terminar com uma referência ao poder de Deus por meio do evangelho. Se o evangelho é o poder de Deus para salvar, é também o poder de Deus para "confirmar", um termo usado no sentido de estimular novos convertidos e fortalecer igrejas jovens. A visão

que as primeiras palavras da doxologia invocam é a da capacidade de Deus de confirmar a igreja multiétnica em Roma e fortalecer seus membros na verdade, santidade e unidade.

Paulo afirma que o poder de Deus para confirmar a igreja está de acordo com "meu evangelho e [a] proclamação de Jesus Cristo". Ele pode chamá-lo de "meu evangelho" porque esse evangelho lhe foi revelado e confiado por Deus. O "mistério" é uma verdade ou conjunto de verdades "oculto nos tempos passados, mas agora revelado". O segredo de Deus, até aqui escondido, mas agora revelado, é, essencialmente, o próprio Jesus Cristo em sua plenitude e, em particular, Cristo para os gentios e nos gentios, para que os gentios agora participem de igual maneira com Israel da promessa de Deus. O mistério também inclui as boas novas para os judeus como também para os gentios. E aguarda com expectativa a glória futura, em que Deus reunirá todas as coisas sob um só cabeça, Cristo. Assim, o mistério começa, continua e termina com Cristo.

É importante entender que Paulo está afirmando três verdades sobre o mistério, resumidas pelas palavras oculto, revelado e dado a conhecer. Não se trata só de o mistério ter sido escondido e agora revelado por meio da vida, morte, ressurreição e exaltação de Jesus. Esta boa notícia deve ser, e já está sendo, conhecida por todo o mundo.

Paulo conclui com louvor ao "único Deus sábio". A sabedoria de Deus é vista no próprio Cristo, sobretudo em sua cruz que, embora loucura para os seres humanos, é a sabedoria de Deus na decisão divina de salvar o mundo não pela própria sabedoria do mundo, mas pela loucura do evangelho, no fenômeno extraordinário da emergente igreja multirracial e multicultural e em seu propósito, por fim, de unir tudo em Cristo. Não é de admirar que Paulo já tivesse começado a louvar a sabedoria de Deus: "Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus!" (Rm 11.33). Não é de admirar que ele faça isso novamente no final de sua carta. Na verdade, o povo remido de Deus passará a eternidade adorando-o pelo poder e sabedoria que ele revelou na salvação.

GUIA PARA DISCUSSÃO

ROMANOS 16

PARA RESPONDER

Descreva uma de suas amizades de longa data.

PARA ESTUDAR

Leia Romanos 16.

Estude a lista de 26 pessoas nos versículos 1-16. O que ela revela sobre o modo como Paulo conduzia seus relacionamentos?

Observe as expressões que Paulo usa para descrever seus amigos. Quais são algumas das maneiras pelas quais ele dá um senso de dignidade aos amigos mesmo em uma mera saudação?

Que indícios você vê da diversidade entre as pessoas a quem Paulo se sentia próximo? (Se necessário, faça uma pequena pesquisa dos nomes e contextos

desta lista.)

Que conceitos expressos nesta lista de saudações mostram uma unidade fundamental dentro dessa diversidade?

O que você vê nas relações sugeridas pelas saudações de Paulo que gostaria de incluir em suas próprias amizades?

Que advertências de última hora Paulo escreveu nos versículos 17-19?

Em termos práticos, o que significa ser sábio em relação ao que é bom e sem malícia em relação ao que é mau?

Como conseguimos alcançar essa sabedoria e falta de malícia?

Paulo não somente envia saudações aos amigos em Roma; ele também envia saudações de oito dos amigos que estão com ele. Que outras informações você obtém aqui sobre o círculo de amigos de Paulo (v. 21-23)?

Estude a oração final de louvor de Paulo nos versículos 25-27. Que palavras e expressões aqui ecoam seções anteriores da carta de Paulo?

A oração de Paulo começa com a afirmação de que Deus é capaz de nos “confirmar” pelo evangelho. Em que sentidos o livro de Romanos confirma sua fé?

PARA APLICAR

Lembre-se de uma dezena de amigos, vizinhos e colegas de trabalho que você tem. Siga o exemplo de Paulo e faça um breve resumo do que você aprecia em cada um deles. (Tente encontrar uma oportunidade para mencionar pessoalmente seu apreço a eles.)

Paulo termina sua carta com uma oração de louvor à sabedoria de Deus e um desejo da glória eterna de Deus. Quais são algumas das maneiras pelas quais você tem visto a glória de Deus revelada em seus amigos? Em sua própria experiência?

ORIENTAÇÕES PARA OS LÍDERES

MINHA GRAÇA É SUFICIENTE PARA VOCÊ – 2 CORÍNTIOS 12.9

SE LIDERAR UM PEQUENO GRUPO é algo novo para você, não se preocupe. Estas sessões foram feitas para fluir de modo natural e ser conduzidas facilmente. Você pode até ter a impressão de que os estudos fluem sozinhos!

Este guia de estudo é flexível. Você pode usá-lo com vários grupos – estudantes, profissionais, colegas de trabalho, amigos, vizinhos ou grupos religiosos. Cada estudo em grupo dura de 45 a 60 minutos.

Você não precisa ser um especialista da Bíblia ou um professor qualificado para liderar um pequeno grupo. Esses guias têm por objetivo facilitar uma discussão em grupo, não a apresentação de um líder. Orientar os membros do grupo para que descubram juntos o que a Bíblia tem a dizer e ouvir juntos a orientação de Deus irão ajudá-los a lembrar muito mais do que assistir a uma palestra.

Existem alguns fatos importantes que você deve saber sobre a dinâmica de grupo e o incentivo à discussão. As sugestões que se seguem devem prepará-lo para cumprir, efetiva e satisfatoriamente, o seu papel como líder.

PREPARANDO-SE PARA O ESTUDO

Peça a Deus para ajudá-lo a entender e aplicar a passagem em sua própria vida. Enquanto isso não acontecer, você não estará preparado para liderar outras pessoas. Ore também pelos vários membros do grupo. Peça a Deus para abrir o coração deles para a mensagem da Palavra de Deus e motivar você à ação.

Leia a introdução ao guia completo para ter uma ideia geral dos temas que serão estudados. A Mensagem do Sermão do Monte lhe dará informações mais detalhadas sobre o texto. Isso pode ajudá-lo a lidar com respostas para perguntas difíceis que possam surgir na discussão sobre o texto e o contexto.

Ao iniciar cada estudo, leia e releia a passagem bíblica citada para se familiarizar com ela.

Discuta cuidadosamente cada questão do estudo. Invista tempo na meditação e reflexão enquanto pensa em como irá responder.

Escreva seus pensamentos e respostas. Isso irá ajudá-lo a expressar com clareza sua compreensão da passagem.

Talvez seja útil ter à mão um dicionário bíblico. Use-o para consultar palavras, nomes ou lugares desconhecidos.

Reflita seriamente no modo como você precisa aplicar a Escritura em sua vida. Lembre-se de que os membros do grupo seguirão sua liderança na resposta aos estudos. Eles não irão mais a fundo do que você.

LIDERANDO O ESTUDO

No início da primeira reunião em grupo, explique que os estudos se propõem a ser discussões, não palestras. Incentive os membros do grupo a participarem. No entanto, não pressione aqueles que podem se mostrar hesitantes para falar, especialmente durante as primeiras sessões.

Certifique-se de que todos do seu grupo têm um livro. Incentive o grupo a se preparar previamente para cada discussão, lendo a introdução ao livro e as leituras de cada seção.

Comece pontualmente cada estudo. Abra com uma oração, pedindo a Deus para ajudar o grupo a entender e aplicar a passagem.

Discuta a questão “Para responder” antes da leitura da passagem bíblica. Ela introduz o tema do estudo e ajuda os membros do grupo a se soltarem, e pode revelar onde nossos pensamentos e sentimentos precisam ser transformados pela Escritura. Ler primeiro a passagem normalmente influencia as reações honestas que as pessoas teriam se fosse de outra forma – porque se espera que elas pensem do modo como a Bíblia pensa. Incentive o maior número possível de membros a participar da questão “Para responder”, e esteja pronto para continuar a discussão com sua própria resposta.

Peça a um membro do grupo para ler em voz alta a passagem a ser estudada conforme indicação no guia.

As perguntas do estudo devem ser lidas em voz alta de acordo com a forma como estão escritas. Você pode, no entanto, preferir expressá-las com suas

próprias palavras. Talvez haja momentos em que seja apropriado se desviar do guia de discussão. Por exemplo, uma pergunta pode já ter sido respondida. Nesse caso, passe para a próxima. Ou alguém pode levantar uma questão importante não discutida no guia. Nesse caso, reserve alguns minutos para discuti-la, mas tente evitar que o grupo se desvie do tema.

Evite responder às suas próprias perguntas. Um grupo entusiasmado logo se torna passivo e silencioso se os membros pensarem que o líder será a pessoa que mais falará. Se necessário, repita ou reformule a pergunta até que seja compreendida com clareza, ou recorra ao comentário feito no guia para esclarecer o contexto ou significado.

Não tenha medo do silêncio como resposta às perguntas da discussão. As pessoas podem precisar de tempo para pensar na questão antes de formularem as respostas.

Não se contente com apenas uma resposta. Pergunte: “O que os demais pensam?”, ou: “Mais alguma coisa?”, até que várias pessoas tenham respondido.

Tente ser assertivo sempre que possível. Assegure a participação. Nunca rejeite uma resposta; se ela fugir claramente do tema, pergunte: “Que versículo levou você a essa conclusão?”, ou, mais uma vez: “O que os demais pensam?”.

Não espere que todas as respostas sejam dirigidas a você, mesmo que isso provavelmente aconteça no início. À medida que ficarem mais à vontade, os membros do grupo começarão a interagir de fato uns com os outros. Isso é sinal de uma discussão saudável.

Não tenha medo de controvérsias. Elas podem ser muito estimulantes. Se você não conseguir resolver totalmente uma questão, não fique frustrado. Explique que o grupo seguirá em frente e que Deus pode iluminar todos vocês nas próximas sessões.

Resuma regularmente a discussão do grupo sobre a passagem. Isso ajuda a reunir as várias ideias mencionadas e dá continuidade ao estudo. Mas não pregue.

Encerre a reunião com uma oração, pedindo que Deus os ajude a continuar com as aplicações que vocês identificaram.

Encerre no horário.

Muitas outras sugestões e auxílios para estudar uma passagem ou conduzir a discussão podem ser encontrados em How to Lead a LifeGuide® Bible Study e The Big Book on Small Groups (ambos da InterVarsity Press).

Caro leitor:

Acesse www.ultimato.com.br e faça seu comentário sobre este livro.
Conheça também outros títulos da editora e a revista Ultimato.

LENDO ROMANOS COM JOHN STOTT

Categoria: Comentário bíblico / Devocional / Estudo bíblico

Copyright © 2016, John Stott’s Literary Executors

Publicado originalmente por InterVarsity Press, Downers Groove, IL, Estados Unidos

Título original em inglês: Reading Romans with John Stott

Primeira edição: Julho de 2018

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão: Lilian Rodrigues

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Ana Cláudia C. Nunes

Produção do arquivo ePub: Booknando

Os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional, salvo quando há indicação específica.

Legenda:

ARA – Almeida Revista e Atualizada

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

ISBN 978-65-86173-36-9

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br

facebook.com/editora.ultimato twitter.com/ultimato
instagram.com/editoraultimato